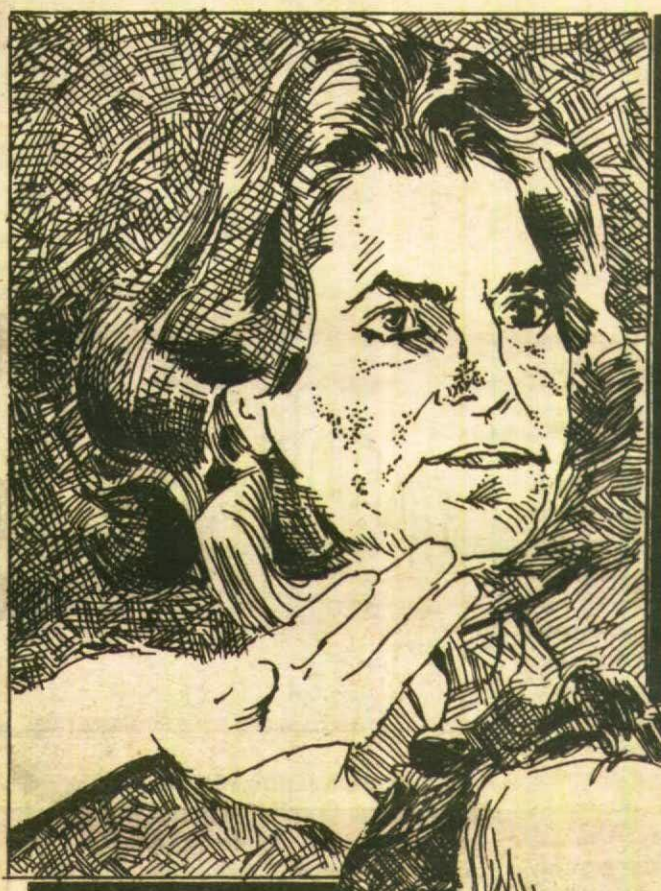
LAMPIÃO da esquina

Rio de Janeiro, outubro de 1980. Cr$ 40,00 • Leitura para maiores de 18 anos

Ano 3/Nº 29

3 entrevistas pra derrubar

1ª Cassandra Rios:

Pornográfica? Então, leiam a Bíblia!

2ª Roger Peyrefitte:

Um listão com Paulo VI, Pompidou...

3ª Ruddy, de Ipanema:

Na zona eu me divertia muito mais

E mais: Pega pra capar em Brasília. Quem salvará nossas crianças?

Dando nome aos bois

Agora é que eu quero ver como as homossexualistas e assemelhadas vão se virar, pois a realidade é muito maior que os nossos desejos. Estou me referindo ao caso Mário Franco/Rubinete acontecido em Belém do Pará em meados de setembro. Para aqueles mal-humorados que protestam da cobertura de assuntos políticos como extra-gay, agora como é que fica?

Mário Franco, conhecida boneca paraense, pediu asilo ao consulado honorário da Bélgica em Belém, de onde acabou expulso e preso. Procurou parlamentares da oposição e restou longo depoimento onde confessou-se agente provocador do DOPS encarregado de criar falsos atentados terroristas para incriminar terceiros, etc. e tal. Denunciou uma série de pessoas como membros do CCC (Comando de Caça aos Comunistas) e coisa e tal. A polícia está "investigando"...

E daí? O que tem o leitor de **Lampião** com isso?

Primeiro, entre os atos confessados pela nossa Mata Hari tupinambá, está o de ter **criado no Pará um movimento gay a mando da polícia** para implicar políticos da oposição. Grave. Espera-se reações tão veementes quanto às supostas tentativas da Convergência Socialista em "arrebanhar" homossexuais para serem usados como "bucha de canhão". Uma no cravo e outra na ferradura. Há sintomas de que a direita e a extrema direita andam querendo manipular o movimento gay. Um tal Zanini, de uma dessas Falanges direitistas que pululam por aí, disse no JB "não ter nada contra os homossexuais, mas não aprova o uso de remédios para assumir formas femininas". Como um grande número de homossexuais não suporta travestis, não acho a frase desprovida de sentido divisionista e sorrateiro. Agora, êsse movimento gay do DOPS paraense...

Pior é que isso tem precedentes históricos. Hitler, no início da sua ascensão política, teve pleno apoio das milícias populares nazistas SA, compostas em grande parte por homossexuais, e depois as massacrou para obter o apoio do exército. Visconti já nos mostrou isso muito bem naquele filme **Os Deuses Malditos.** Se a esquerda em geral evita os viados, por sua vez a direita costuma utilizá-los, antes de exterminá-los. O culto da perfeição física, da autoridade, da força atlética — mitos da direita — tem mais atrativos para o homossexual incauto do que a mitologia da esquerda: trabalho, paz, igualdade. Não quero dizer que os viados tendam a ser de direita, mas sim que a direita é que é viada. Portanto, todo cuidado é pouco.

Outro aspecto curioso do caso Mário Franco refere-se às atitudes das autoridades diante das denúncias. O secretário de segurança do estado disse "que isso é coisa de gay, não merece consideração". Um dos acusados, Rubinete de Tal, definiu o acusador como "um gay maluco". E o Ministro Abi-Ackel chegou a considerar suspeita a sanidade mental do implicado. Essas respostas revelam um preconceito quase supersticioso, que aliás vai contra o praxe judiciário de que qualquer acusado é inocente até prova em contrário. E olhem que no caso era o acusador... Segundo essas autoridades, o homossexual seria um ser de personalidade exacerbada, sujeito a altos e baixos de humor, sedento de exibicionismo, capaz de atos impensados, criminosos até... É possível que o cara seja mesmo maluco (todo mundo sabe que consulado não dá asilo e Belém está a poucas horas de vôo da fronteira da Guiana Francesa) mas isso não altera nada. Seu depoimento, entretanto, é tão preciso e detalhado, que pelo menos alguma coisa deve ter de verdade.

Viram, queridas, como quer queiramos, quer não, acabamos sempre envolvidos por política ou coisa parecida? É apenas uma questão de lado.

Já que estamos com a mão na massa, aproveito para alertar os caros leitores para a onda de moralismo que assola o país. Se olharmos bem, veremos que também é coisa de política... Um certo Curador de Menores que ordenou o recolhimento de publicações imorais, orgulha-se das ligações que mantinha com a linha dura, no auge da repressão. No Congresso, um obscuro senador capixaba, Dirceu Cardoso, que ainda não escolheu partido (advinha qual vai ser?!) investe contra o cartaz de um filme que retrata uma melancia considera indecente, quer detalhes da vida conjugal de cada membro do Conselho Superior de Censura (que ele odeia porque anda liberando tudo), e quer exibir o polêmico filme japonês **O Império dos Sentidos** para os outros senadores "saberem o que andam liberando por aí". Detalhe: quer excluir a única mulher do Senado desta matinê cinematográfica, Eunice Michiles. Rafaela Mambaba perguntou: "será um dos nossos? Ou terá receio de não se conter e beliscar a colega de plenário? Seria cômico se não fosse trágico...

No fundo no fundo, essa história toda me lembrou um velho artigo de Pasolini (**Os Nixons italianos**), que começa exatamente assim: "Vi, ontem, por alguns instantes na televisão a sala onde estavam reunidos os dirigentes que há tantos nos governam. Da boca daqueles velhos, obsessivamente iguais a si mesmos, não saiu uma só palavra que tivesse qualquer relação com aquilo que conhecemos ou estamos vivendo. Pareciam velhos asilados que há anos habitassem um universo concentracionário: havia qualquer coisa de morto na sua própria autoridade, autoridade que ainda, apesar de tudo, ainda emana dos seus corpos..." Falou e disse. (**João Carlos Rodrigues**)

LAMPIÃO

Conselho Editorial — **Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan**

Coordenador de Edição — **Aguinaldo Silva**

Colaboradores — **Leila Míccolis, Rubem Confete, Antônio Carlos Moreira, João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Dolores Rodriguez, Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Mirna Grzich, João Carneiro e Aristóteles Rodrigues (Rio); José Pires Barroso Filho e Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Cúri, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto, Cynthia Sarti, Francisco Fukushima (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton de Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Luiz Mott (Salvador); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí).**

Correspondentes — **Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova York); Armando de Fulvia (Barcelona); Ricardo e Hector (Madri); Addy (Londres); Celestino (Paris); Anton Leicht e Nestor Perkal (Frankfurt).**

Fotos — **Cyntia Martins, Iara Reis (Rio); Cris Calix e Fanny, Dimas Schitni (São Paulo); Dimitri Ribeiro (Rio) e Arquivo.**

Arte — **Antônio Carlos Moreira (Arte Final), Nelson Souto (Diagramação), Mem de Sá (capa), Patrício Bisso, Hartur e Levi.**

Revisão — **Dolores Rodriguez e Gladys Pamplona.**

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina - Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF) 29529856/0001 — 30; Inscrição Estadual, 81.547.113.

Endereço — **Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio Correspondência: Caixa Postal M41031, CEP 20400, Santa Teresa, Rio de Janeiro-RJ.**

Composto e Impresso na Gráfica e Editora Jornal do Commercio S.A. — Rua do Livramento, 189/4º andar, Rio.

Distribuição — Rio: **Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda.** (Rua da Constituição, 65/67); **São Paulo: Paulino Carcanheti; Salvador: Livraria Literarte;** Florianópolis e Joinville: **Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.;** Belo Horizonte: **Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.;** Porto Alegre: **Coojornal;** Curitiba: **J. Chignone e Cia. Ltda.;** Vitória: **Angelo V. Zurlo;** Campos: **R.S. Santana;** Jundiaí: **Distribuidora Paulista de Jornais e Revistas Ltda.;** Campinas: **Distribuidora Campineira de Jornais e Revistas Ltda.; e Distribuidora Constanzo de Jornais e Revistas Ltda.;** Ribeirão Preto — **Centro Acadêmico de Filosofia;** Juiz de Fora: **Ercole Caruso & Cia. Ltda.;** Brasília: **Anazir Vieira da Silva,** Goiânia: **Agrício Braga & Cia. Ltda.;** Recife: **Diplomata Distribuidora de Publicações e Representações Ltda.;** Fortaleza: **Orbras — Organização Brasileira de Serviços Ltda.**

Assinatura Anual (doze números): Cr$ 450,00. Números atrasados: Cr$ 50,00. Assinatura para o Exterior: US$ 25,00.

ESQUINA

Quem salvará nossas crianças?

Sou — e minha obra literária deixa isso bem claro — freqüentador de lugares que o senso médio considera "suspeitos", como o bar Amarelinho. Neste local, nos últimos tempos de investida contra o **boom** das revistas eróticas — que, para o Sr. Carlos Melo, Curador de Menores desta comarca, parece ser o grande responsável pelo destino infausto de 15 milhões de crianças carentes (sic) deste país, tenho observado, mais que a interessante fauna que o freqüenta, as crianças que lá estão, a vender desde o amendoim torradinho até as rosas murchas colhidas na lixeira do Mercado das Flores. São crianças, sim; algumas, com menos de oito anos. Sem falhar um dia, mesmo nas madrugadas chuvosas e particularmente, frias deste final de setembro, lá estavam elas — são dezenas — a exercer o seu ofício que beneficia não se sabe exatamente a quem (certamente a algum adulto, não a elas).

Alguns metros adiante do Amarelinho existe uma banca de revistas que permanece aberta a noite inteira. Por mais que forçasse a minha imaginação — e, vocês me dão licença, ela é mais criativa que a do Sr. Carlos Melo —, não consegui pensar numa daquelas crianças a amealhar os cruzeiros obtidos na venda dos amendoins e das rosas murchas para poder comprar com eles o último exemplar de Erótika, Privé, etc... Não, nenhum raciocínio tortuoso me fez ver aquelas crianças famintas, esquálidas, reunidas num dos cantos mais escuros do noturno Passeio Público, a folhear, excitadas e precoces, o exemplar especialíssimo do Ele & Ela Fora de Série.

Eu me pergunto se o Curador de Menores freqüenta outros locais além da vitrina, nas bancas de revistas, dedicada às publicações eróticas. Eu me pergunto se, tendo algum dia sentado no Amarelinho, ele chegou a ver, mergulhado que vive em suas preocupações de suposto moralista, alguma coisa além da "fauna pervertida" que freqüenta o local: teria ele enxergado as crianças que lá estão (e em centenas de outros pontos da cidade; e não apenas nas calçadas dos bares, mas nos sinais, nas esquinas de grande movimento, etc.), algumas obrigadas a trabalhar desde os oito anos de idade? Conseguiria ele arrancar sua consciência do oceano de seios e bumbuns em que aparentemente se debate, e fazê-la ver que não existe maior forma de perversão que esta a que aquelas crianças estão entregues? E, eu pergunto ainda: o que o Sr. Carlos Melo, suposto defensor destas crianças, tem feito quanto a esta forma de perversão? Nunca vi, em minhas muitas noites de Amarelinho, qualquer autoridade encarregada da defesa dos menores passar pelo local; muito menos, tomar qualquer providência para efetivamente, defender os menores que lá estão.

Santa hipocrisia! Crianças podem ser torturadas, exploradas, executadas (sim, elas são, e às dezenas, na Baixada Fluminense: a maioria das vítimas dos matadores de lá, senhoras e senhores, têm menos de 18 anos), podem dormir nos bancos de praça e ser efetivamente corrompidas e desvirtuadas pela subnutrição, pela fome crônica; tudo bem, desde que não possam ler (como se tivessem aprendido a fazê-lo) revistas eróticas.

O Sr. Carlos Melo está falando exatamente em nome de quem? Há um mês atrás explodia-se, se incendiavam bancas de revistas; agora, abate-se sobre elas a **blitz** moralista. O terrorismo é o mesmo, e igual é o discurso. As vítimas? O jornaleiro, o jornalista, o jornalismo, a imprensa livre, a liberdade de expressão. O Curador de Menores diz que o acesso às revistas eróticas leva as crianças à masturbação; a masturbação leva aos tóxicos e estes conduzem ao comunismo; num país onde as crianças merecessem realmente alguma proteção, uma autoridade encarregada do setor que fizesse uma declaração desse tipo deveria ser sumariamente afastada; por incompetência. (**Aguinaldo Silva**)

Roteiro gaio da alegre Porto Alegre

Há pouco tempo voltei de umas férias pelo norte e nordeste do Brasil, onde pude constatar o maravilhoso contraste que existe neste país divino, pois como moro no Sul a mudança foi muito pitoresca e saudável. Mas o motivo desta não é falar da viagem, mas sim agradecer a "mão" que o Jornal Lampião me deu, através de seus roteiros já publicados em números anteriores, referente a lugares entendidos de Belém, Brasília, Belo Horizonte e outras cidades. Foi muito bom, apesar de algumas vezes o roteiro não ter sido muito fiel. Mas valeu, pois não perdi tempo fazendo "footing". Por isso, muito entusiasmado com a viagem, resolvi tomar a liberdade (afinal sou um leitor assíduo) de lhes escrever e enviar também um roteiro completo e FIEL das casas entendidas de P. Alegre, cidade que amo. Se desejarem aproveitar, eis o que acontece por aqui, na íntegra:

BOITES: 1) FLOWER'S, na Av. Independência 908; dois pisos, bom som, péssima bebida, boa freqüência de entendidos, Magrinhos nada a ver e alguns casais. Tem **shows** ótimos nas quartas e domingos, com o sensacional Roberto Kessler. Consumação a Cr$ 150,00 sem direito a nada, o que acho um absurdo. Mas, tem suas qualidades.

2) NUMBER ONE, Rua Conceição, 500, trocou de proprietário e as coisas mudaram muito, pois antes era apenas o exclusivo para entendidos. Hoje dá de tudo. Consumação a Cr$ 150,00, com direito a um drinque. É uma casa bem grande, com dois ambientes. Tem **shows** bons nos sábado e domingo.

BARES: 1) MISTURA FINA, quase ao lado do Flower's. É um bar vale tudo, mais para o fim de noite, depois de muitas tentativas infrutíferas em outras casas. Pessoas folclóricas por lá circulam. Vale a pena conhecer. 2) GOSTO DE MEL, Rua Santo Antônio, 836, salvo engano meu o melhor lugar atualmente em P. Alegre. Um Bar pequeno, decoração gostosa e pratos gostosos. Peça e repita o quibe da casa. É uma delícia. As pessoas que freqüentam vão desde o entendido classe A até o michê na base do "gigolô americano". Um bar para ir cedo, caso desejar mesa.

3) BON AMI, não é exclusivamente entendido. Fica na Av. Salgado Filho. Dá de tudo, desde casais, mulheres desacompanhadas e entendidos muito camuflados. Mas vale a pena sentar e pedir um choppe e trocar olhares aventureiros. 4) PETER PAN, exatamente igual ao Bon Ami, quase ao lado deste, com parte subterrânea, onde tudo pode acontecer. Escuro e muita fumaça e cheiro de batata frita. Mas aconselho também uma passada. Quem sabe... 5) TUTTY'S. Na Galeria Independência, muita camuflagem. Deve-se ter muito tato. Eu particularmente já tive ótimas experiências. Além dos lugares fechados, há os lugares para o "footing", mas não aconselho, a não ser muito cedo pela Rua da Praia, onde muita coisa acontece e os homens são lindos de morrer.

Os cinemas, a tentativa pode ser em todos. Quanto a saunas existem três, em categorias bem distintas: SAUNA GAÚCHA (Rua Cristóvão Colombo) onde Sodoma e Gomorra ficariam envergonhadas; SAUNA RIO BRANCO (Rua Rio Branco), bem cuidada, com um massagista inteligente e "inteligente". Vale a pena fazer uma "boa" massagem. SAUNA LUCAS DE OLIVEIRA (Rua Lucas de Oliveira, quase esquina 24 de Outubro), um lugar **chic**, para o entendido que gosta de namorar perto da lareira (com obras de arte), na piscina rodeada de muitos verdes e estátuas, mas não se entusiasme muito. Há reservados. Não caia na asneira de ir na SAUNA GUAIBA (Ramiro Barcelos), pois lá você poderá ser linchado! Uma lástima, pois em matéria de sauna, é realmente a melhor.

Se você tiver sorte, peça a alguém (entendido, é obvio) que o leve até o BATACLÃ. Não envie o endereço a pedidos. É preciso indicação local. Um local incrível, para ver e não acreditar. Vá sem susto. Rapazes recrutas (e não) tiram outros rapazes nada recrutas para dançar boleros e samba-canção e onde a discoteca é rigorosamente proibida. Evite caminhar muito tarde da noite na Independência, pois os travestis estão agressivos e você "paga o pato". Fora disso, "lavo as minhas mãos". Na certeza de ter cooperado um pouco com o nosso mundo maravilhoso, despeço-me enviando novos cumprimentos a todos os elementos do **Lampião.** Abraços. (**A. Gusmão**)

Por trás do mictório, um policial

Armado de uma marreta, Cony Littman, o número um do movimento ecologista de Hamburgo, e homossexual declarado, passou à ação: destruiu o espelho instalado no fundo de um banheiro público no centro daquela cidade da Alemanha Federal. Como se esperava, ele encontrou, atrás do espelho, um corredor que levava a um pequeno quarto. Deste quarto, o ecologista, conhecido em todo o país por seu firme engajamento em favor de uma melhor qualidade de vida, viu uma pessoa desaparecer correndo. Assim, os homossexuais hamburgueses encontravam, finalmente, a prova: o que a polícia local sempre negou, existe, na verdade, há muito tempo: as autoridades locais vigiam mais ou menos sistematicamente os homossexuais, através dos espelhos de fundo falso que permitem aos "encarregados da moral pública" observar, de uma peça ao lado, tudo o que acontece num mictório público.

A descoberta dessa prática pela polícia local tornou-se, em pouco tempo, um prato delicioso para os meios de comunicação, sobretudo nesse período em que não está acontecendo quase nada na Europa. Toda a imprensa, mesmo a mais reacionária, falou do caso, logo conhecido como "o escândalo dos espelhos". O mais espantoso de tudo foi justamente a condenação unânime dessas práticas policiais, que, na verdade, há muito tempo tinham sido adotadas em Hamburgo, e continuam sendo utilizadas em outras cidades alemãs.

Descoberta em flagrante delito por Cony Littman e um grupo de militantes homossexuais, a polícia hamburguesa não teve outra saída senão confirmar a perseguição aos homossexuais. Durante uma entrevista coletiva, o chefe da polícia, Ludwig Rielandt, tentou justificar a ação contínua dos policiais **voyeurs**: "Desde o final dos anos sessenta — ele disse —, temos recebido muitas queixas de turistas, bem como de jovens que são incomodados pelos homossexuais em certos banheiros públicos. Eis porque as forças da ordem resolveram tomar medidas adequadas para proteger as pessoas que utilizam estes mictórios".

Em que consistem estas medidas de proteção dos heterossexuais face às agressões dos homossexuais? O chefe da polícia hamburguesa explica; sempre que um agente policial colocado atrás de um dos tais espelhos constata um ato sexual praticado por um homossexual, trata de conduzi-lo imediatamente a uma repartição policial. Após ter anotado seu nome, endereço, etc., o homossexual pode ir embora. Logo depois, pelo correio, ele receberá uma notificação, comunicando que ele está proibido de pôr os pés em certos banheiros públicos da cidade. Se apesar da proibição ele continuar freqüentando aqueles lugares, estará sujeito a uma multa de 70 a 120 dólares. Multas ainda mais duras já foram registradas em alguns casos.

O porta-voz da polícia hamburguesa, Peter Keller, foi instado pelos jornalistas a fornecer os números exatos dessas ações repressivas praticadas por seus colegas. "No período de 1973 a 1975 houve cerca de 1200 proibições de acesso a certos banheiros públicos".

Quantos banheiros públicos estão sob vigilância em Hamburgo? A polícia, inicialmente, só reconheceu a existência de um caso — exatamente aquele mictório cujo espelho de fundo falso foi quebrado por Littman. Em seguida, falou-se de oito banheiros, e finalmente ela informou que mantinham sob vigilância dez mictórios. Os jornalistas voltaram à carga: perguntaram ao porta-voz da polícia quanto tempo eles ficavam em seus "postos de observação". Eis as diferentes respostas: num mictório muito freqüentado por homossexuais, a polícia mantinha, durante todo o tempo, dois "observadores"; em outros a "vigilância" era "esporádica", quer dizer, ocorria uma ou duas vezes por semana, por período de até duas horas.

Ante a crescente indignação contra as ações anti-homossexuais, o Ministro do Interior de Hamburgo, um social-democrata como Helmut Schmidt — que também começou sua carreira política como Ministro do Interior nesta mesma cidade —, fez uma declaração pública, dizendo que os espelhos de fundo falso eram a herança de um tempo em que "o homossexualismo merecia outro tratamento no código penal". E, como um grande liberal, declarou estes "velhos tempos" ultrapassados, e mandou abolir qualquer medida destinada a intimidar ou reprimir os homossexuais mediante o uso dos tais espelhos.

Os homossexuais, no entanto, permanecem muito céticos quanto às declarações oficiais. Eles continuam desconfiando dessas declarações liberais, quem nem sempre contribuem para ajudá-los a sair da clandestinidade, nem contribuem para abolir a repressão, que continua existindo em alto grau. A imprensa homossexual considerou o "escândalo dos espelhos" como apenas a ponta de um iceberg. Ela não acredita em tempos mais róseos. É verdade que o parágrafo 175 do código penal, que punia os homossexuais, foi abolido há hoze anos. Mas não houve, em troca, a necessária liberalização no terreno dos costumes e da sexualidade, o que leva a administração de muitas cidades alemãs a violar o espírito da nova lei que aboliu a discriminação aos homossexuais. Respondendo às perguntas de três deputados de Hamburgo, todos do partido social-democrata, as autoridades locais admitiram a instalação de pelo menos quatro espelhos de fundo falso, em mictórios públicos, após a abolição do tal parágrafo 175. "Não pensem, senhores" — disse um policial encarregado de vigiar mictórios — "que este trabalho era agradável para nós. Como os senhores podem imaginar, todo tipo de coisas acontece .nestes locais. E me permitam evitar os detalhes a respeito".

O mais chocante de toda essa história, mas talvez o mais significativo, é que os homossexuais que freqüentavam estes mictórios em busca de aventuras sexuais (e não são poucos os homossexuais que preferem os mictórios para suas caçadas) suportaram tal repressão durante onze anos, sem denunciar aos ativistas homossexuais o jogo sujo da polícia.

Apesar das ações em favor dos direitos dos homossexuais, a repressão não vai parar. A vigilância nos mictórios vai continuar, talvez de um modo menos visível, mas ainda mais eficaz. Os homossexuais para quem os banheiros públicos eram o último refúgio de sua liberdade sexual serão menos molestados que antes. Quanto às "listas rosas" que continham os nomes dos homossexuais, elas não vão desaparecer, apesar das declarações das autoridades policiais, segundo as quais tais listas nunca existiram. A A moral do "escândalo dos espelhos" nos convida a refletir sobre as liberdades individuais nas sociedades capitalistas mais avançadas: mesmo aí, ainda não se atingiu o estágio supremo da liberdade. **(Anton Leicht)**

Livros novos pra você

O BEIJO DA MULHER ARANHA

Manuel Puig
246 páginas, Cr$ 300,00

Um esquerdista, membro de um grupo clandestino, e um homossexual acusado de corrupção de menores, presos na mesma cela de um cárcere argentino: é este o ponto de partida do livro mais instigante do autor de "Boquitas Pintadas".

UM ENSAIO SOBRE A REVOLUÇÃO SEXUAL

Daniel Guérin
192 páginas, Cr$ 300,00

Anarquista, homossexual (mas casado heterossexualmente e com filhos), Daniel Guérin, na série de ensaios reunidos neste livro, gira sempre em torno do mesmo tema: a liberdade sexual.

Troca Troca

PROFISSIONAL DA VOZ, nível superior, 35 anos, 1,83m, 72kg, cab. e barba castanhos, romântico, assumido e discreto s/ preconceitos, deseja corresponder-se com entendidos c/ mais de 25 anos. Foto na 1ª carta. Roberto — Cx. Postal 4471 — Rio de Janeiro — RJ — CEP. 20.100.

SOLITÁRIO, jovem, bem dotado, bom nível social e intelectual, deseja entrar em contato com entendidos p/ fins afetivos e de amizade. José Carlos — Tel. 274-1516 — Rio de Janeiro.

RAPAZ ATIVO, 30 anos, 1,88m e nível superior, procura parceiros discretos, de bom nível e idade acima de 25. Gilberto Rodrigues da Silva — Cx. Postal 5151 — Rio de Janeiro — RJ — CEP. 22.190.

PÁSSARO DE PRATA, a procura de amizades sinceras e duradouras, c/ jovens sensíveis e inteligentes. Estudante secundarista, 18 anos, 1,60m, olhos e cabelos castanhos, simpático e atraente. F.A.B.R. — Av. H. 1240 — Conjunto Ceará 1ª — ETPA — Fortaleza — Ceará — CEP. 60.000.

ATOR, 22 anos, solteiro, 1,77m, 67kg, bigode, olhos verdes e cabelos castanhos. Sei da MPB, e gostaria de dividir meu teto c/ alguém, sem grilos, sem medo. Sérgio Oslo — Cx. Postal 895 — Porto Alegre — RS — CEP. 90.000.

GAROTO, vestibulando de Comunicação, deseja corresponder-se c/ pessoas discretas, s/ limite de idade, para um relacionamento afetuoso. Foto 1ª carta. Roberto H. Ferreira — Rua 2, nº 531 — Mondubim — Fortaleza — CE — CEP. 60.000.

"METADES", cabelos e olhos castanhos, 1,62m, 42 anos, conservada e atualizada, deseja conhecer mulheres até 40 anos para romance sincero e duradouro. Cx. Postal 4547 — Rio de Janeiro — CEP. 20.100.

UMA PORÇÃO DE AZUL nos olhos para dar, 18 anos, louro, adorando curtir tudo que é legal, quer se corresponder com rapazes até 25 anos, para amizade ou algo mais, que sejam ativos. Foto 1ª carta. Breno S. Lacerda — Cx. Postal 2315 — Porto Alegre — RS — CEP. 90.000.

DUAS AMIGAS desejam corresponder-se c/ garotas de qualquer parte do Brasil, independentes de cor, idade, religião, status, etc... Somos duas ótimas amigas. Ambas temos 21 anos e cursamos o supletivo de 2º Grau. Marlene e Rosa — Rua Diário de Pernambuco, 218 — Caruaru — PE — 55.100.

TELEFONISTA, morena, olhos castanhos, 21 anos, 1,70m, deseja corresponder-se com jovens femininas e entendidas para uma boa amizade, ou qualquer outra coisa que pinte. Adriana F. Machado — Rua Jaguariaiva, 230 — Cidade Patriarca — São Paulo — CEP. 03.545.

PROCURO garotões peludos e bem dotados, que sejam do Rio ou SP. Sou gaúcho, 38 anos e boa situação. Quer passar um final de semana no sul, escreva-me, responderei as cartas que tiverem foto de nu frontal. Todas as despesas de avião serão pagas. Paulo Ricardo L. Ribeiro — Cx. Postal 8021 — Porto Alegre — RS — CEP. 90.000.

HEI! VOCÊ É GUEI? Eu sou. Se você precisa de amor ou de uma verdadeira amiga, me escreva, quero dar e receber amor. Nadir Kosme — Maria Quitéria, 43 aptº 401 — Ipanema — Rio de Janeiro — CEP. 22.410.

CASAL ENTENDIDO, deseja contato com homens e mulheres gueis, que comunguem com os mesmos pensamentos para a amizade e outras transas. A.C.F.B. — Cx. Postal 6666 — Ag. Calçada — Salvador — BA — CEP. 40.000.

ATRAENTE, discreto, 30 anos, 1,68, 58kg. Deseja corresponder com pessoas acima de 22 anos, que usem bigode ou barba. Foto na 1ª carta. Otaner Marken — Cx. Postal 2366 — Porto Alegre — RS — CEP. 90.000.

VETERINÁRIO, solitário, 1,70m, 60kg, olhos verdes, cabelos castanhos, gostaria de manter correspondência com rapazes entendidos, cultos, educados e discretos. Oduvaldo — Rua Felino Barroso, 584 — Bairro de Fátima — Fortaleza — CE — CEP. 60.000.

ATIVA, morena-clara, cabelos castanhos, olhos negros, 31 anos, discreta, simpática, bom nível cultural. Gosto de música, cinema, poesia. Desejo corresponder-me com moças passivas, se possível foto na 1ª carta. Júlia — Cx. Postal 44 — Caieiras — São Paulo — CEP. 07.700.

QUERO me corresponder com rapazes para séria amizade, tenho 21 anos, moreno-claro, 1,65m, 55kg, cabelos e olhos castanhos, universitário. Manoel — Rua Lago da Mantiqueira, 93 — Jardim do Lago — São Bernardo do Campo — SP — CEP. 09.700.

SAMUEL procura contato com Carlos Alberto, jornalista, que esteve em Curitiba em janeiro. Cx. Postal 7015 — Curitiba — PR — CEP. 80.000.

DISCRETO, boa aparência, nível superior, procura rapazes maiores, discretos, s/ preconceitos sexuais, bem dotados, morenos, mulatos e negros para satisfação mútua, s/ envolvimentos emocionais. Foto 1ª carta. Pedro Paulo Solon — Cx. Postal 344 — Rio de Janeiro — RJ — CEP. 20.000.

NÍVEL SUPERIOR, olhos e cabelos castanhos, 1,64, 60kg, 30 anos, gostaria de corresponder com entendidos ativos para relacionamento amoroso. Leo — Rua Campos Sales 2.578, aptº 07 — Porto Velho — RO — CEP: 78.900.

ATLÉTICO, ativo, moreno-claro, 32 anos, simpático e agradável. Gosto de pessoas maduras, acima de 50 anos, que sejam carinhosos e que possam absorver meu carinho, que sejam discretos, passivos ou que possam topar alguns momentos agradáveis, sem contudo se sentirem constrangidos. José D. Camargo — Av. Ipiranga, 345, conj. 1.603 — São Paulo — SP — CEP. 01.046.

ESCURO, 30 anos, 1,72, 65kg, discreto, simples, intelectual, deseja trocar cartas come entendidos até 40 anos, s/ preconceitos, para futuro compromisso. Paulo R. Leandro — Rua Alberto Campos, 40/2207 — Ipanema — RJ.

BOB, olhos azuis, 1,80, 74 Kg, 27 anos. Quero um amigo. Foto na 1ª carta, se puder. Cx. Postal 60.069 — São Paulo — SP — CEP. 01.000.

RAPAZ, jovem, moreno, 1,70m, 27 anos, curtidor de música, praia e moto, deseja corresponder-se com rapazes de 25 a 40 anos. R.A. — Rua Névio Baracho, 264 aptº 3 — S. José dos Campos — SP — CEP. 12.200.

GAÚCHO, 24 anos, 1,77, 65kg, olhos verdes, cabelos claros. Fotos na 1ª carta. João Hafner — Rua Hoffmann, 606 aptº 904 — Floresta — Porto Alegre — RS — CEP. 90.000.

ATIVO. Tenho 40 anos, não sou feio nem bonito, desejo corresponder-me com rapazes mais jovens, sem pinta, para algo além de uma boa amizade. Paulo — Cx. Postal 16243 — Rio de Janeiro — RJ — CEP. 20.000.

BRASILEIRO, radicado nos states, deseja corresponder-se com entendidos de toda idade e sexo, que tenham condições de visitar os EUA. A.M. 1540 Oak Creek Dr. Aptº 206, Palo Alto, Calif. 94303 — USA.

NEGRO, universitário, 23 anos, romântico e sozinho, deseja se corresponder com rapazes cultos, sinceros, discretos e que queiram um amigo. Ângelo — Cx. Postal 25018 — Rio de Janeiro — RJ — CEP. 20.670.

QUERO DIVIDIR CASA com homem que escolherei. Sou moreno, 24 anos, 1,85m, 67kg, voltando de cinco anos vividos em Paris. Louco por Arte, música, Literatura, vida. Foto na 1ª carta. H. C. — Rua Capote Valente, 1465 — São Paulo — SP — CEP: 05.409

Atenção leitores de Troca-Troca: a partir de agora, quem quiser ter seu anúncio publicado nesta seção, terá que mandar, junto com ele, um xerox de sua carteira de identidade. Isso é pra evitar a ação de bichas maléficas, que estão mandando anúncios em nome de suas inimigas, pra que elas recebam centenas de cartas (é isso mesmo, queridinhas: centenas) sem saber porquê...

Pega pra capar em Brasília

No sábado 21 de setembro, Brasília teve sua noite cortada ao meio: por volta das 24 horas, a Rodoviária e o Setor de Diversões Sul (que formam o que se poderia chamar de "coração da cidade", não fosse Brasília feita apenas de avenidas paralelas que nascem e desembocam no cerrado) foram invadidos e tomados pela polícia que conseguiu, em pouco mais de uma hora, dar uma inesquecível demonstração de força.

De certa forma, isto não chega a ser exatamente extraordinário. É justamente nesta parte da cidade que se reunem os travestis, os michês, as prostitutas e os seus fregueses. Além disto, nos fins de semana, todos, obrigatoriamente, passam por ali: os que apenas vão aos cinemas, os que desfilam por horas sem fim nas passarelas que ligam a asa sul à asa norte, os soldadinhos escapulidos dos quartéis e que buscam guarida por uma noite, os operários da construção civil e a classe média com dinheiro para gastar. Todos eles freqüentam as mesmas boites (a Aquarius, com uma clientela homossexual e, praticamente ao seu lado, Bataklan, que apresenta moças a go-go) e os mesmos bares que, sem exceção, não disfarçam o ar de botequim e que têm, sempre, todas as mesas ocupadas.

Assim quando a polícia começou a chegar muita gente não deve ter estranhado: afinal, bastaria, como sempre, apresentar os documentos e continuar buscando diversão mesmo que, visto de fora, o espetáculo tenha ares deprimentes: a repressão e a hipotética descontração passeando lado a lado. Desta vez, porém, a coisa mudou de figura e uma batida generalizada, que teve o patrocínio do Departamento de Polícia Federal e do Juizado de Menores, fechou todos os bares e uma das boites __ justamente a Aquarius. Mais tarde, uma das pessoas que não conseguiu escapar a tempo descreveu a cena: "havia de tudo, polícia de uniforme, polícia sem uniforme, cassetetes, espingardas e metralhadoras. E aquelas armas todas apontadas para a gente. Se fosse para contar, eu diria que havia mais de 400 policiais cercando o local."

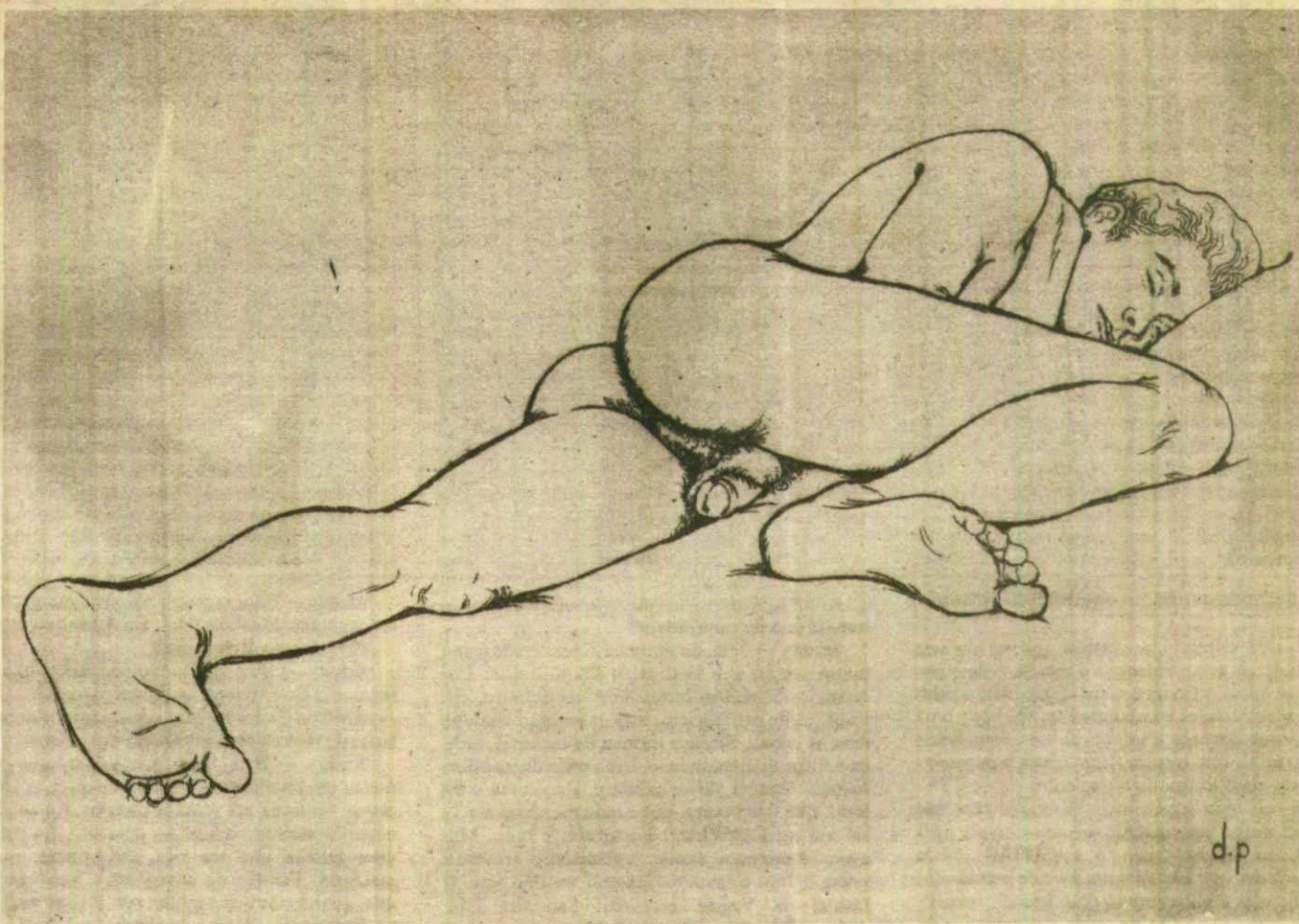
A principic., quem tinha documento ou podia provar que trabalhava era mandado embora, com o conselho de que fosse rápido para não ser chamado novamente. A coisa parece ter aumentado de proporção quando, segundo a própria polícia, foi encontrada maconha na boite Aquarius, o que teria justificado seu fechamento e a prisão de seus freqüentadores, que foram postos em fila e obrigados a entrar nos ônibus que já estavam lá — o que dá todos os indícios de que a polícia já estava disposta a levar todo o mundo. Na delegacia, não aconteceu nada que fugisse à regra: foram todos identificados, serviram de motivo de risos (com perguntas do gênero: "o que é que vocês estavam fazendo lá?") e foram mandados embora. Enquanto isto, outras pessoas eram sitiadas numa das praças do Setor de Diversões Sul, obrigadas a responder ao mesmo tipo de perguntas e, em seguida, dispensadas. Quando o proprietário da Aquarius chegou, às 2 horas da manhã, encontrou a sua casa fechada e já não havia quase ninguém que pudesse lhe informar a respeito.

No domingo seguinte, no entanto, no Juizado de Menores ouviu certa explicações: a primeira era que não havia sido o Juizado o responsável pela ordem de fechamento. Na verdade, não havia ordem nenhuma e a boite havia sido fechada apenas para averiguar quem era o dono da maconha encontrada em seu interior. Curioso é que a maconha estava no bolso de seu próprio dono, o que, com um raciocínio mais ou menos afiado, dispensaria qualquer investigação. Em seguida, à pergunta do proprietário da boite de por que apenas sua casa havia sofrido conseqüências tão graves, enquanto a Bataklan (a que tem moças a go-go) pôde continuar com seu expediente normal, a resposta dada foi bem simplória: "Não podíamos fazer isto. Lá havia muitos senhores de respeito." Dito isto, a Aquarius reabriu no domingo mesmo, apresentou seu show e muita gente se aventurou a ir até lá ver em que pé as coisas haviam ficado.

No entanto, passado o susto, cabe perguntar: e tudo isto, a que foi? Simples operação de rotina ou é mesmo para desconfiar que a polícia tenha empregado tantos homens e tantas viaturas para apenas averiguar o local, que tem, digamos, uma certa fama de barra pesada? De qualquer modo, parece sintomático este excesso de zelo e preocupação com a moral pública. Afinal, em menos de um mês, a cidade foi sacodida por duas fortes rajadas de repressão que deram muito o que falar: além da boite Aquarius fechada em meio a tanto aparato e escandalosa parafernália, uma festa promovida em um sítio e que convocou toda a ala mais jovem de Brasília (o nome da festa era rockonha, óbvia aglutinação de rock e maconha, e que os jornais locais não cansaram de divulgar durante toda a semana seguinte, e o convite foi impresso em seda de fumar baseado) também foi interrompida por uma numerosa tropa de choque, que foi à festa acompanhada de seus cachorros e inclusive de espantosos fogos de artifício usados para provocar pânico. O pai do dono da festa está envolvido em um longa história onde tornou-se a vítima principal, por permitir que seu filho promovesse orgia e encontros de marginais, e corre o risco de perder o sítio. Justamente ele, que declarou não saber de nada do que estava acontecendo porque seu filho foi criado para levar a vida que quisesse. Para as outras famílias, porém, tamanha liberdade sempre traz problemas.

É impossível não ligar estes dois acontecimentos — ambos visam apenas dar satisfação à moral. Outros incidentes mais graves, ou crimes verdadeiros, continuam sem solução, enquanto que as bichas e os maconheiros servem muito bem como bodes expiatórios para um sistema falido que, além da moral, não consegue dar mais nada à sua classe média que o mantém no poder.

Assim, é possível imaginar o alívio estampado na cara dos chefes de família, certos de que suas filhas não serão disvirginadas e viciadas em festas ao ar livre e que seus filhos não correm o risco de serem corrompidos por "bichas violentas". Para eles, tudo isto é muito mais importante do que os atentados a bomba, do que a violência da direita, do que a inflação e a miséria juntas. E o poder, afinal, sabe por onde pisa. (Alexandre Ribondi)

A arte erótica de Darcy Penteado

Com esta gravura de Darcy Penteado prosseguimos com a divulgação de trabalhos eróticos que se enquadram dentro de uma verdadeira e sadia cultura guei. O autor é conhecido de todos os que lêem LAMPIÃO : artista plástico consagrado, escritor de rara sensibilidade, ele é um dos editores do jornal. Este seu trabalho, intitulado "Repouso", em tiragem limitada (cem exemplares, númerados e assinados pelo autor), é imprescindível na sua coleção de Arte.

Peça-o já pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41031, CEP 20400, Rio de Janeiro, RJ). Apenas Cr$ 1.000,00 a unidade, mais Cr$ 100,00 de despesas de correio. E ainda estão à venda os últimos exemplares de "Rapaz Reclinado", a serigrafia de Luiz Beltramo com que demos início à nossa coleção de Arte erótica: você também pode pedi-la pelo reembolso. O preço é o mesmo.

A enriquecedora viagem de Ruddy, da Zona de Belô ao brilho de Ipanema

Fotos: Vânia Toledo

Eis uma estrela. Uma estrela que voa nas asas de Iansã, a quem entregou a cabeça e de quem carrega visível o fio de contas, que divide o peito com outros colares e balangandãs. Ruddy é uma estrela que conhece o seu ofício e o exerce como um maestro, que, seguro, transforma a orquestra em mera coadjuvante do seu talento.

Eu, confesso agora meio envergonhado, não entendi muito bem quando me convocaram para entrevistar Ruddy para o **LAMPIÃO.** "Um cabeleireiro, que escreveu um livro de poesias que nem li, e já é entrevistado pelo jornal", pensei. Ruddy chegou no fim da tarde e dominou o espetáculo. Conduziu o **show,** como faz no salão, com as suas clientes. Fez com que todos — eu, o Francisco Bittencourt, o Antônio Carlos Moreira e a Dolores Rodriguez — se dobrassem ao seu talento. E não estamos nem um pouco arrependidos por isso.

Leia cada palavra da entrevista. Mas cuidado: tudo pode ser apenas um sonho, porque Ruddy é poeta. E peça o livro dele pelo reembolso postal da Esquina. Se não gostar das poesias, curta as fotos. Mas não exagere: o Zeca, com quem Ruddy vive há seis anos, é terrivelmente ciumento. (**Alceste Pinheiro**).

Antônio Carlos — **Quando você começou a transar essa de cabeleireiro?**

Ruddy — Bem, eu sempre fui conhecido como tantas coisas, que eu já estou assim... sabe? Por exemplo: a minha profissão é cabeleireiro. Eu trabalho de cabeleireiro, mas as pessoas confundem as coisas. Eu faço travesti no carnaval, nunca o fiz profissionalmente. Uma coisa de transformação. Ganhei vários prêmios. Faço uma coisa legal, que fica bonita e que todo mundo gosta. Já saí até no **LAMPIÃO.** Fotografia e tudo. Mas agora já escrevem assim: "cabeleireiro, travesti e poeta." Isso é errado. Travesti eu não sou. O Daniel da **Vogue**, escreveu: Santinha Trindade, cabeleireiro, travesti e poeta.

Francisco — **Que audácia da boneca.**

Ruddy — Ele falou muita coisa boa de mim. Falou bonito e tudo, mas errou. Travesti eu não sou. Posso fazer o travesti. As pessoas não entendem.

Francisco — **Você faz travesti só no carnaval?**

Ruddy — Só no carnaval e, às vezes, quando tem uma festa ótima de travestis. Eu acho que ser travesti é uma coisa e fazer travesti é outra. Por isso, não posso ser rotulado "O travesti". Por que nem combina.

Alceste — **Dos três — travesti, poeta e cabeleireiro — travesti é o que você mais detesta?**

Ruddy — Não, também não. Eu não gosto de ser chamado de cabeleireiro. Eu detesto rótulos.

Francisco — **E de poeta?**

Ruddy — De poeta eu também ainda não entendi. Fiz um livro sem nenhuma pretensão.

Antônio Carlos — **Mas como é que começou o lance de você transar as cabeças das pessoas?**

Ruddy — Bem, para esse jornal, que realmente me fascina pela maneira de dizer as coisas claras, eu tinha até vontade de falar. Eu comecei como cabeleireiro quase por acidente. Eu vim de uma família que era rica, importante, muito machista. Família de advogados e políticos. Só que, quando chegou a minha vez, já esta. pobre.

Francisco — **Você é de onde?**

Ruddy — Sou de Sandinópolis, Minas Gerais.

Francisco — **Família em que marido mata mulher.,..**

Dolores — **Tradicional Família Mineira.**

Alceste — **Como é seu nome completo?**

Ruddy — José Maria de Pinho, mas eu nunca falo este nome. Matei há muito tempo. Construí um novo. Eu tinha uns 16, 17 anos, e Belo Horizonte, que até hoje é uma província, um lugar terrível de cabeça, nos anos 50, era pior ainda; comecei a ser cabeleireiro porque não tinha outra opção. Eu queria ser outras coisas, mas não era possível, porque em Belo Horizonte se você dava uma pinta, às vezes só jogava a mão assim... (**gesto**)

Francisco — **Cortavam a mão?**

Ruddy — Cortavam a mão, **pau,** etc...

Alceste — **Como surgiu o nome "Ruddy"?**

Ruddy — Eu tinha vários nomes em Belo Horizonte. De alguns nem me lembro direito. Quando fui preso, dei o nome de "Cátia", porque não queria dar o meu nome verdadeiro. A polícia então já me conhecia. Não que eu fosse marginal — aliás, para eles sim —, mas porque eu freqüentava a noite. Em cidade pequena, a polícia dá sempre de cara com você, mesmo que você não queira. As bichas me chamavam de "Carol", por causa de uma **miss** universo. Quando eu fui trabalhar, não sabia qual usar e a proprietária do salão não gostou de nenhum deles e optou por Ruddy, por causa do Nureyev.

Alceste — **Você falou que acabou sendo cabeleireiro. Você foi um pouco jogado para isso por causa da província...**

Ruddy — É, fui um pouco jogado. Poderei fazer outras coisas, se bem que cabelo eu faço muito bem. Eu fazia isso em casa, nas vizinhas, nas amigas. E fazia bem. Aí eu falei: "bem, já que não dá para ser outra coisa...". Agora eu terei de contar como comecei.

Alceste — **Você acha que se não houvesse essa repressão, poderia fazer outra coisa?**

ENTREVISTA

Ruddy — Eu poderia, pelo menos, ter feito outra coisa. Porque em Belo Horizonte, o único que não ficava desempregado por ser homossexual, naquela época, e até bem pouco tempo...

Dolores — **Era cabeleireiro?**

Ruddy — Não só cabeleireiro, mas funcionário público também, porque não via o patrão. O patrão era o Governo e o Governo estava longe. Eu tinha amigos homossexuais que eram funcionários públicos. Eles nunca largaram o emprego, por pior que estivessem de cabeça. Tinham medo. Eles conseguiam o trabalho através de pistolão. Colocavam seus bons terninhos e iam ficando. Quando descobriam, já era tarde.

Alceste — **Eles já estavam com a nomeação assinada.**

Ruddy — Já estavam, e aí era difícil ser mandado embora. Bem, eu tinha 17 ou 18 anos e procurava outro tipo de trabalho. Eu queria estudar. Eu lia muito. Desde criança. Fui alfabetizado muito cedo e lia tudo. Mas não tinha como pagar e tive de procurar trabalho. Mas a voz arrastava, a mão não ficava quieta, não conseguia de jeito algum. Eu cheguei a trabalhar em certos lugares, mas era mandado embora. Por exemplo: trabalhava em um escritório. Era datilógrafo. Um dia acharam uma foto minha de carnaval — eu sempre brinquei carnaval, desde os 14 anos —. Acharam a foto guardada dentro da gaveta. No dia seguinte, rua. Depois fui trabalhar em uma drogaria. Notaram logo de cara, mas ficaram me experimentando. No dia que sentiram mesmo a verdade, rua outra vez. E tentei outros empregos. Não era só eu. Eram muitas pessoas, mas não pintava emprego. Era só funcionário público. É por isso que tem tanta bicha funcionária...

Antônio Carlos — **Estão todas lá.**

Alceste — **E logo chegam a ministro...**

Ruddy — Eu não encontrava trabalho e comecei a procurar de cabeleireiro nos bons salões da época. Os cabeleireiros eram aqueles senhores que andavam de terno e gravata. Aquelas senhoras. Não tinha nem gente jovem nem bicha. E mesmo uma bicha minha amiga, hoje cabeleireiro aqui no Rio, o Jean, só conseguiu trabalhar por causa da família, que influenciou. Ele consegiu um trabalho bom e eu lhe pedi um emprego. E ele: "você vai me comprometer, imagina...".

Francisco — **E era pintosíssima?**

Ruddy — Era pintosíssima. Tinha cabelo colorido e tudo. Então eu só consegui trabalhar na zona boêmia, como é o Mangue aqui.

Alceste — **Assim mesmo? Igual ao Mangue?**

Ruddy — Vocês conhecem Belo Horizonte? Na Mauá de baixo, na Rua Mauá, perto da Coruza, onde passava a linha do trem.

Francisco — **Acho um começo belíssimo. Enriquecedor.**

Ruddy — Eu acho **chic.** Divino. Mas naquela época não tinha nem consciência disso. Só precisava fazer alguma coisa.

Alceste — **Você fazia os cabelos das prostitutas, que iam para o trabalho à noite?**

Ruddy — Que iam trabalhar à noite. Quando chegava sábado, pela manhã, elas já estavam todas sentadas na escada, deitadas, dormindo. Queriam ser atendidas logo cedo para poder dormir um pouquinho depois, porque começavam a trabalhar no início da tarde.

Alceste — **Isso deve ter te dado uma experiência de vida...**

Ruddy — Uma experiência de vida muito grande. De convivência com as prostitutas, que realmente acho linda . Tanto que no meu livro tem uma poesia que se chama "Às prostitutas". Mas no livro, saiu "As Prostitutas".

Alceste — **Será que existe muitas diferenças entre elas e as mulheres que você atende hoje?**

Ruddy — Não. Não acho que exista grandes diferenças. Profissionalmente é diferente, mas sentimentalmente não. Elas também são mães. Elas também amam. Eu acho que mulher é tudo igual. Existem as categorias divididas. Se elas tivessem uma outra sorte, não estariam ali. Como as que eu atendo hoje: Se tivessem outra sorte, também não estariam onde estão. O meu próximo livro será de crônicas e nele falo do meu começo, e, ao mesmo tempo, passo para o outro lado, quando fui pentear a mulher do Presidente Médici. No primeiro dia em que eu entrei no Palácio Laranjeiras, aqui no Rio, que vi o assoalho todo de ouro — não sei vocês já viram? Todo quadradinho de ouro —, eu pensei "será que é dourado?".

Alceste — **Nós não freqüentamos esses lugares...**

Ruddy — Eu também não, mas profissionalmente tive de ir. E é ouro mesmo. Eu fazia assim (**Ruddy passa a mão na mesa com força para demonstrar como fazia**). E não é dourado. Eu acostumado com brilho... Então tracei um paralelo: eu subindo a escada naquele dia, lembrei-me da escada daquela casa onde comecei. Lá,

tinham costureiras, atrás era prostíbulo e na frente tinha um salão de cabeleireiro. Então eu fiz a comparação, porque, quando eu subia a escada do Palácio; eu disse: "Pô a primeira dama do país é a mais importante mulher do país no momento, realmente pentear esta mulher é pentear a mulher mais importante do país". Talvez eu pensasse assim naquele momento apenas. Hoje, talvez, eu não tivesse nem **saco**. Mas naquele momento eu lembrei daquele lugar, da Zona de Belo Horizonte, porque foi ali que eu comecei.

Alceste — **E depois das prostitutas?**

Ruddy — Trabalhei nove meses penteando prostitutas. Primeiro nesse lugar, que era baixíssimo nível de prostituição, onde a gente era até confundido com elas. E era muito bom. Engraçado mesmo. Porque eu também era muito feminino. Usava o cabelo muito louro. No final, a coisa já estava assim: elas e eu. E eu estava achando ótimo. Também não tinha grandes consciências. Grandes sacações sim, mas consciência do que estava se passando comigo, não. Tinha de viver aquilo, aquele momento.

Antônio Carlos — **Você tinha então quantos anos?**

Ruddy — Dezoito anos. Inclusive eu tinha que viver o que eu estava fazendo. Afinal, a realidade era aquela. Eu tinha de ser agradável, como até hoje. O gênero que eu faço no meu trabalho é um gênero popular, porque mulher não quer cabeleireiro chato, intelectualizado, porque é um saco.

Francisco — **Elas querem frescura.**

Ruddy — É. E eu dou o que elas querem em troca do dinheiro delas, porque, realmente, é o meu trabalho. Mas não sou tão **fresco** como elas pensam. Agora, com o lançamento do meu livro, por exemplo, teve mulher que me agrediu pensando ser agradável: "Oh, eu não pensava isso de você, estou assustada! Você me chocou"! Depois, passei para um outro salão, que era mais fino. Era na área do chamado **Rendez-Vous** da cidade, e que ainda existe. Pouco mais acima, lá para o lado do Bonfim. Ali, eu penteava as prostitutas melhores. Eram até mães de família, que, à noite, iam trabalhar para ajudar o marido. Eu já tinha visto isso em lugares mais civilizados e muito mais aceito. Só que era muito oculto. Eram prostitutas finas, senhoras. Eu conheci muitas assim. E também tem muito na sociedade.

Dolores — **Quando você trabalhava na Zona como era em termos financeiros? Você vê muita diferença?**

Ruddy — Eu acho que o melhor tempo da vida de gente é aquele no qual mora em um **kitchnete**, e que ninguém lhe visita porque é mal-afamado e o prédio em que você mora é uma **zona**, uma cabeça de porco. E a mãe não vai, a família não vai, você não tem dinheiro para ter telefone. Mas é o melhor tempo. Eu comecei a trabalhar na Zona porque precisava fazer alguma coisa. Comecei sem ganhar nada. Eu recebia apenas gorjetas, almoçava no salão e ganhava o dinheiro da condução. Quatro meses depois, comecei a ganhar o meu primeiro salário, de quatro cruzeiros por mês. Na época, o salário mínimo era de 20 cruzeiros.

Alceste — **Falando assim, as pessoas se esquecem da inflação e fica parecendo que você já está muito velho.**

Ruddy — Eu já estou enfrentando a terceira década de vida. Acho que estou legal. Tenho 36 anos e comecei a viver muito cedo. Porque em 57 e 58 eu já conhecia a rua, já conhecia bicha, cafetão. Tudo...

Francisco — **Você batia calçada?**

Ruddy — Mas claro! Sempre! Porque que acho que **bater calçada** faz bem a qualquer pessoa.

Antônio Carlos — **Naquela época, apesar de toda a repressão provinciana, como eram as batidas da calçada?**

Ruddy — Eu já saía de manhã com as sombrancelhas pintadas. Sempre gostei de andar assim. Até hoje não consegui tirar o vício do olho pintado. Agora eu uso um produto indiano, mais caro. Naquela época era lápis **Sourcil**. Aliás, ainda existe no mercado e eu gosto muito. Eu tinha coragem para fazer isso. Existiam as agressões, mas eu queria ser assim. E fui trabalhar na Zona porque não queria tirar o lápis dos olhos. Me satisfazia o olho pintado, como me satisfaz até hoje. Logo que acordo, taco o brilho nos olhos. É como um colírio.

Alceste — **Se você tivesse colocado um terno...**

Ruddy — Cortado o cabelo curtinho...

Alceste — **Teria conseguido um salão melhor, mas você preferiu continuar na Zona, usando o seu lápis Sourcil.**

Ruddy — Preferi. Mas uns meses depois eu fui trabalhar no melhor salão da cidade, bem remunerado e tudo. Quando a mulher disse que me aceitava, eu falei: "quer dizer que você me aceita?". Ela me respondeu: "Mas é claro". Porque, nessa altura, os vendedores de produtos de beleza já haviam informado para todos os salões da cidade que eu era uma **glória**. Que eu penteava bem e que estava ali. Então ela precisava de alguém para trabalhar. Era o **Charm Cabeleireiro**, que hoje não existe mais, mas que na época era famoso. Lá, eu penteava a alta-sociedade. Larguei as putas e fui para o **high society**. Foi um pulo, da noite para o dia. Mas não senti muita diferença.

Dolores — **Só a financeira?**

Ruddy — Financeiramente melhorou. Passei a ganhar mais. Nessa época ganhava 20 cruzeiros mensal. No mês seguinte, passei para Cr$ 80.

Alceste — **Já deu para sair de casa?**

Ruddy — Aluguei logo um quarto, do tipo **kitchnete**. Na frente de um **rendez-vous**, porque então eu jão estava viciado, já estava gostando mesmo. Já era meu mundo, eu já tinha feito amizades. Por isso aluguei este quarto, lá no Bonfim.

Alceste — **Onde deveriam freqüentar os melhores homens?**

Ruddy — É claro...

Antônio Carlos — **Concorrência?**

Ruddy — É. Mas elas sempre me aceitaram com a maior facilidade. As prostitutas aceitam as coisas muito mais facilmente que as pessoas que foram educadas para aceitar. Morei no Bonfim mais dois anos. Até que vim para o Rio.

Francisco — **Em que ano?**

Ruddy — Em 1965. Mas nesses dois anos em que trabalhei fora da Zona, fui cabeleireiro da alta sociedade, das misses. Eu as acompanhava de lá para cá para lá. Fui ser cabeleireiro das mulheres de todo os políticos: Zilda Couto, Ângela Diniz, que morreu assassinada, eu fui seu cabeleireiro até a última hora.

Francisco — **Ângela era uma mulher-bicha?**

Ruddy — Não. Ela era mais mulher que as outras. Não chegava a ser uma **mulher-bicha**. Ângela não tem definição. Morreu cedo porque depois de tudo eu não sei o que ela iria fazer. Eu até escrevi uma crônica sobre ela. Sairá no próximo livro. Eu era cabeleireiro dessas mulheres. De todas as assassinadas de Belo Horizonte: Heloísa Ballesteros, Jô Lobato e de outras menos cotadas, que morreram, digamos, menos matadas. Isto é, assassinadas aos poucos, e que a gente nem fica sabendo.

Alceste — **No Rio, onde você foi trabalhar?**

Ruddy — No **Charm Cabeleireiro,** o mesmo nome do salão de Belo Horizonte. Em Copacabana. Muito bom na época. Era freqüentado por todas as putas bem do Rio. É, porque no Rio, já é puta bem. Quando eu cheguei no Rio, estava acabando o poderio econômico da classe média. As mulheres ainda tinham coronéis. O **Charm**, naquele tempo, recebia mulheres da mais baixa categoria na boca do povo até à Praça Yolanda Costa e Silva.

Alceste — **Foi quando você formou a sua clientela?**

Ruddy — Foi. Na época, por exemplo, teve o concurso da Rainha do Quarto Centenário e a Solange Novelli, hoje Solange Medina, mulher do deputado Rubens Medina, era penteada por mim. E realmente eu fazia lindos os seus cabelos. Então se usava cascatas e ninguém as fazia como eu. Foi então que eu estourei no Rio, como cabeleireiro. Fiquei sendo disputado pelos melhores salões, trabalhei 10 anos no **Malté** e agora fui para esse.

Francisco — E a sua relação com os seus colegas de profissão e com as suas clientes?

Ruddy — Eu sou uma pessoa que não como nem bebo no mesmo prato das minhas clientes. Eu não gosto de me misturar com elas. Eu não vou a casa delas. Eu só vou à casa de amigas, que são poucas.

Alceste — Que pode, por coincidência, ser uma cliente?

Ruddy — Pode, mas eu jamais banhei o meu corpo nas mesmas águas em que elas se banham. Eu prefiro manter-me como um serviçal de luxo. Eu sou um profissional. Não aceito convites. Uma vez uma mulher, que me convidou para jantar — um jantar fino e que, depois, saiu até no jornal — foi ao salão e eu não pude atendê-la. Ela, então, comentou com um assistente : "pois é, para sair no jornal teve de ir à minha casa". Ela achou que estava me promovendo. Eu, que já tinha até jantado em lugares melhores e já havia saído em vários jornais. Até nas páginas criminais: uma vez, eu sai de travesti em Belo Horizonte e acabei preso. Tinha uma escola de samba e eu e duas

"Eu tenho um filho de dois anos e meio. Não quero falar disso. No dia em que ele quiser falar da vida dele, ele vem falar"

bichas decidimos que era carnaval. Eu coloquei um vestido branco maravilhoso. Levamos uma curra e eu nunca corri tanto, de salto alto e tudo.

Francisco — Mas da polícia ou dos bofes?

Ruddy — Dos bofes. Mas a gente não sabia nem do que estava correndo. Eu sei que me escondi em um hotel e as outras conseguiram pegar um táxi e foram embora. Chamaram a polícia, com povo na porta do hotel. Eu já estava até gostando. Quando chegou a Rádio-Patrulha, o guarda não sabia que eu era homem e falou: "Mas a senhora não deveria sair com um vestido tão decotado! É perigoso!" Mas um cara disse; "não, seu guarda, não é mulher não, é homem". Acabei preso. No dia seguinte, saiu no jornal: "Anormal preso vestido de mulher". Até hoje não entendi essa frase. Onde é que estava a anormalidade?

Francisco — **Mas você ainda não respondeu completamente a minha pergunta: você freqüenta os seus colegas de profissão?**

Ruddy — Nunca. Porque eu não me sinto cabeleireiro: eu me considero um estilista de moda. Eu passo as minhas idéias para a cabeça dos outros. Crio uma maneira de ser. Os outros são barbeiros. Trabalham em lugares de luxo, mas apenas montam cabelos.

Antônio Carlos — **É verdade que seu salão fica cheio de pontas de cigarro e cabelos para todos os lados?**

Ruddy — Cigarro não porque eu não fumo, e cabelo no chão é sinal de trabalho. E eu sou um operário do meu trabalho. Eu tive uma proposta de Cr$ 3 milhões de luvas de uma outra firma, Cr$ 300 mil em 10 meses, e não quis. Já me sinto tão prostituído... Mas, afinal, a gente tem que trabalhar. Preferi ficar onde estou, embora sujo de cabelo. Graças a Deus, porque a minha tesoura funciona. Não é legal trabalhar em um lugar em que você não se sinta bem com as pessoas. Com a cabeça delas.

Antônio Carlos — **Artificial?**

Ruddy — Muito. E fora da realidade brasileira. Eu faço meu trabalho onde faço. É o meu trabalho que aparece. Não preciso de **mise-en-scene.** Meu trabalho é artesanal, mas rende dinheiro, é claro. Se eu trabalho bem, tem de render. A proposta não me acrescentou em nada e, quando eu fui ver a casa, não gostei do clima das pessoas, das camisas das pessoas, das correntes nos pescoços, dos babados, do clima de veado aposentado, tipo bicha pesadona.

Alceste — **Tipo bicha com "pedigree"?**

Ruddy — É, **pedigree** forte, porque não tinha vida nas coisas. Tinha muita coisa em cima para dar vida, mas eu não preciso disso. Além disso, a proposta era **micha.** Só que lá ninguém fatura como eu. Eu sou um profissional bem pago, mas não sirvo um cafezinho a mais, um **uisquinho** a mais, um biscoitinho a mais, não chamo de madame. **Mise-en-scene** é para encobrir falta de talento. E eu tenho muito talento. Para as minhas clientes falo o que quero, o que penso e o que devo. Minha clientela é de cabeças-feitas. De gente que já superou o luxo. Porque não dá mais para transar com uma fresca. Não dá nem para ela voltar.

Dolores — **Depois do** Charm, **aqui no Rio, para onde você foi?**

Alceste — **Foi ser dono de salão?**

Ruddy — Não, porque acho que ser patrão não é a minha. Eu sei comandar e orientar o trabalho, mas não sei nada de papel. Tenho medo de papel. Não quero me preocupar com imposto, com números. Isso me assusta. E ter sócio eu acho tão perigoso, meu amor! Na maioria das vezes, quem te oferece sociedade está interessado em ganhar dinheiro. Eu prefiro ganhar uma boa percentagem pelo meu trabalho.

Alceste — **Hoje você sofre muito assédio de mulheres?**

Ruddy — Não, já sofri. Hoje eu não sofro mais.

Antônio Carlos — **E do marido das clientes?**

Ruddy — Já teve um que ligou para mim, querendo sair. Outro que já sugeriu à mulher que me convidasse para jantar. Teve até comissário de menor que um dia me prendeu, embora eu dissesse que já tinha 21 anos.Ele falou: "não tem importância, você vai assim mesmo".

Alceste — **Qual seria o perfil da sua cliente?**

Ruddy — Classe média bem de vida. Do contrário, não poderia me pagar. Mulheres de tecnocratas, mulheres livres, independentes, que pagam o seu próprio cabelo. Eu tenho muita mulher livre, ou então muitas com vontade de sê-lo. E dou a maior força.

Francisco — **E você recebe muitas confidências?**

Ruddy — Recebo, mas houve época em que eu armazenava mais. Hoje, deixo passar. Acabou uma eu já estou noutra, mas se fosse falar já estaria preso ou morto. Atualmente, mudo de assunto, solto uma frescura em cima. Eu já sei conduzir o **show.** Porque é um **show,** com muita gente, muita confusão. Gente querendo ir embora, falando muito.

Alceste — **Tarde de sábado?**

Ruddy — Não, sábado é dia cafona. Eu gosto de quarta-feira, quinta-feira. Sábado é péssimo, e eu já estou prometendo não trabalhar mais aos sábados. A não ser as mulheres que trabalham a semana inteira e precisam ir sábado, o resto é muito chato. É gente que vai para casamento: precisa botar pena na cabeça, pôr chapéu, colocar tudo em cima. E, realmente, eu não tenho muito saco. Quinta-feira eu acho **chic.**

Dolores — **Toda essa experiência acumulada, de Minas até o Rio, não te pirou a cabeça?**

Ryddy — Não. Olha, eu nasci para dar certo. Já cheguei a essa conclusão.

Francisco — **Acho que você tem um** lance **de religião.**

Ruddy — Eu tenho. Eu tenho uma casa de santo. Eu sou babalorixá. Fica em Rio Bonito, depois de Niterói. Eu sou de Candomblé. Filho de Iansã. Não é do tipo Candomblé Global, senão fica muito Jair de Ogum, o que acho esquisito. O santo me ajudou muito. Eu não acredito em um homem sem religião. Religião é fundamental, principalmente para viado. Senão, ele pira. Viado tem de ser religioso. E tem de ser do candomblé. Coisa simples. Bicha cabeleiriera nasceu pobre e, de repente, quer concorrer com a alta-socidade. Querem coisas que só as mulheres ricas têm — ou porque nasceram ricas ou porque ficaram ricas através de uma outra coisa mais fácil. Com trabalho é realmente muito difícil. Eu assumo a minha barra.

Dolores — **E a religião influencia de alguma maneira na sua profissão?**

Ruddy — Só para ficar muito bem, poder aturar as **dondocas.** Eu disse que nasci para dar certo porque tudo o que eu faço dá bom resultado.

Antônio Carlos — **Como a sua família reagiu ao fato de se tornar cabeleireiro de prostitutas?**

Ruddy — Eu sou o ídolo da família. Sempre foi um pouco assim, só que com certas desconfianças. Meu pai achava que eu não daria nada que prestasse. Mamãe mandava o Juiz de Menores colocar uma pessoa atrás de mim, para que não fosse para a cama com ninguém. Chegou ao ponto de pedir um exame médico para mim, para saber se eu já havia transando com alguém.

Alceste — **Sua mãe queria fazer o popular "teste da farinha"...**

Ruddy — Hoje a agente conversa sobre isso e morremos de rir. Minha mãe cresceu muito comigo. Hoje, os meus sobrinhos, que têm 14, 15 anos, recortam milhões de fotos de revistas para pregar nos cadernos e falam: "meu tio é um barato. Meu tio é muito louco". Mas eu fui construindo tudo isso aos poucos e demonstrando que era uma pessoa que podia ser respeitada. Que deveriam, inclusive, respeitar. E, é claro, depois que você dá certo, tudo é mais fácil.

Alceste — **Quantos irmãos?**

Ruddy — Nós somos oito. Seis mulheres e dois homens. Eu estou no meio: sou muito mulher, sou muito homem, sou muito bicha. Só não sou muito rotulado. **Gay**, por exemplo. Eu tenho horror da palavra "**gay**". Ela é muito mentirosa. Detesto também o termo "entendido". Acho péssimo. "Bicha" eu acho muito carinhoso.

Francisco — **Quer dizer que você chama seus colegas cabeleireiros de entendidos?**

Ruddy — São todos entendidos. São umas senhoras. Porque amigo cabeleireiro eu só tenho dois: o Lins, que mora em Belo Horizonte, e o Oldy, que todo mundo conhece.

Francisco — **E do Silvinho, você não gosta?**

Ruddy — É uma pessoa com a qual eu tenho pouca convivência, embora tenhamos chegados ao Rio na mesma época. Nós nos estimamos. Eu sei que ele fala sempre muito bem de mim e eu sempre falo muito bem dele. No que ele faz, ele é o melhor. Na fantasia louca que ele faz, aqueles cabelos maravilhosos, copiadíssimos de Hollywood, ele tem um valor incrível. Se chegar uma cliente querendo esse tipo de cabelo eu mando para ele.

Alceste — **A que horas você começa a trabalhar? Às oito horas?**

Ruddy — Você está louco. Às 11 horas. Porque eu tenho um filho e o levo ao colégio todos os dias às 10h30m.

Alceste — **Filho? Que história é essa? Conta!**

Ruddy — Eu tenho um filho de dois anos e meio. Não quero falar disso. É a minha vida. O dia que ele quiser falar da vida dele, ele vem e fala. Eu tenho ainda essa vida que as pessoas não sabem. E não importa que elas queiram saber.

Antônio Carlos — **Como surgiu a idéia do livro?**

Ruddy — Eu sempre desejei publicar um livro. Sempre escrevi, pensando em editar. Escrevia contos, crônicas e poesias, mas só mais tarde é que comecei a guardá-los. As que estão no livro são do período entre 70 e 78, mas eu tenho outras, mais antigas e mais recentes. As que saíram no livro, de acordo com o critério de Gular, foram as melhores. Entrei em contato com a Editora Avenir através da Maria Luiza Carvalho, que trabalha lá e que é minha cliente há mais de oito anos, e que não sabia que eu escrevia. Eu também não sabia que ela trabalhava em uma editora. Cheguei a entrar em um concurso da Remington, um concurso safado, que premiou apenas três escritores já editados, já conhecidos.

Francisco — **Você é um poeta bissexto, não escreve sempre.**

Ruddy — Eu escrevo sempe. E escrevo há muitos anos. Inclusive eu sou poeta — se é que o seja — muito antes de ser cabeleireiro. Por isso, também não gosto quando falam: "cabeleireiro-poeta"; "o cabeleireiro que virou poeta". Acho que não combina. Sabe, eu prefiro ser um ser que dá asas à imaginação.

Dolores — **Você escrevia desde Belo Horizonte?**

Ruddy — Sim. Só que as coisas que escrevia nesse tempo eu não tenho mais. Só comecei a guardar coisas de 65 para cá. Naquele tempo a cabeça não estava direita.

Francisco — **O Ferreira Gular — que selecionou o seu trabalho para a edição — viu a sua produção poética desde quando? Toda ela ou só leu o livro?**

Ruddy — Ah, não! Ele viu umas 40, 50 poesias. Os editores achavam que deveriam ter 30. Entrou uma outra depois, porque eu a encontrei e eles gostaram, embora o Gular não a tenha visto. Eles queriam fazer um livro que as pessoas pudessem ler rapidamente. Dizem que poesia ninguém quer ler. Então, se for muito grande, ninguém lê mesmo. Lê uma e depois guarda o livro. Mas o Gular viu a minha poesia de uma certa fase. Eu não sei bem ao certo. Eu não o conheço pessoalmente. Eu dei para a editora e ele leu umas 40.

Antônio Carlos — **No meio do trabalho, você encontra tempo para escrever?**

Ruddy — Não. Acho que para escrever assim, só sendo profissional. Que trabalhe em um jornal. Um trabalho que precisa ser obrigatoriamente produzido. Eu escrevo de madrugada, ou quando estou esperando um médico, por exemplo, ou quando não tenho nada para fazer. No próximo livro, eu tenho trabalho escrito em um convite, coisa bonita até. Mas em geral, escrevo de madrugada, quando o outro está dormindo (**referindo-se a Zeca**).

Antônio Carlos — **Fale um pouco do lançamento do livro.**

Ruddy — Acabaram fazendo do livro uma super produção. A minha idéia era fazer um livro simples, que todos pudessem comprar, por Cr$ 100, Cr$ 200, mas a Maria Luiza disse que eu não deveria ser simples, e sim sofisticado. Afinal, no Brasil, pobre não compra poesia. Então, o livro deveria ser caro porque, para algumas pessoas, um livro caro é um livro bom. Então o livro saiu sofisticado, com fotos da Vânia Toledo, que é

ENTREVISTA

minha amiga. Além disso, eu queria ser visto através de uma mulher. Afinal, o livro fala muito em mulher. Aliás, é um livro que mulher gosta de ler. Mas os homens também gostam. Tem um almirante, marido de uma cliente, que leu o livro e fez a mulher entender porque eu posei nu. Ela ficou um pouco chocada. Quando me apresentaram o livro, eu não senti emoção alguma. Só comecei a lê-lo agora. acho **chic** a gente se ler. Depois, fizemos a noite de autógrafos. Eu pensei que fosse ótimo, mas é uma merda. Você fica sentado, não participa de nada. As pessoas ficam se transando, bebendo, se roçando e você assinando. Depois das duas da manhã é que ficou divino porque comecei a beber, chegou gente, mais louca, foi ficando só o pessoal legal e acabou às quatro da manhã, em um **happy-end.** Eu estava lindo nesse dia, mas fui boicotado. A maioria dos cabeleireiros não apareceu e todos foram convidados. Só foi o Monsieur Armand, uma pessoa fina, maravilhosa. E ele foi me prestigiar em nome de todos. Quando, ele chegou lá e viu que não tinha nenhum cabeleireiro, ele falou: "vim em nome de todos, porque você está fazendo alguma coisa que vai ser muito bom para a classe".

Eu fui boicotado. Acharam que iriam me promover. O livro, agora, é a coisa mais importante da minha vida, excetuando, é claro, o meu filho e as pessoas. O livro é importante porque está mostrando o lado de um ser humano, que as pessoas não olham como ser-humano. Dentro de sete meses vou publicar outro livro, falando de bichas, cabeleireiros, da vida. Estou coletando o que já escrevi, que são poesias de amor, que começam com o amor terno, do tipo mão na mão, e terminam no erótico, na cama. Tem outras poesias, muito eróticas, que eu darei para a Simone colocar música. Um livro que você lê, passa a mão no cabelo; na segunda, você começa a descer; na terceira a segurar o peito; na quinta você está com a mão na bunda: na sexta... É, porque é um livro erótico. É amor que termina na cama, porque amor sem cama... Aqui, ó.

Francisco — **Você está acompanhado de um rapaz muito simpático.**

Ruddy — Eu vivo com ele há seis anos. Ele me agüenta a seis anos.

Zeca — Nós nos agüentamos há seis anos, vamos bater recorde.

Francisco — **O rapaz simpático não quer dá a sua opinião, não?**

Ruddy — Nessas horas a gente se separa. Do contrário daria uma confusão danada. Hoje, o censo bateu lá em casa e eu fui agraciado com aquele grande, de 57 perguntas. Eu fiquei sem saber o que responder... Se sou ou não casado. Tinha lá "companheiro", eu mandei colocar "companheiro".

Alceste — **Tem muito daquele negócio dele ficar distante. Meio hollywoodiano; o cara é casado, mas a mulher é a grande estrela e o homem se segura um pouco para permitir o estrelismo da mulher.**

Ruddy — Talvez ela faça até um pouco esse gênero. Por exemplo: no carnaval, eu brinco, faço muito furor e ele está sempre por perto, mas nem pode se aproximar porque, senão, não dá certo. Acho que é legal, porém a gente não combina isso.

Alceste — **Talvez por isso estejam vivendo já há seis anos?**

Ruddy — Com ele eu tenho outro tipo de transação, de vida. Tem sido melhor assim. Nas minhas horas, ele está sempre em tudo. Eu já dei uma entrevista para a **Manchete** sobre o homossexualismo e até nos deixamos fotografar juntos, mas ele não deu opinião. Eu acho que é a minha vez, as minhas coisas.

Francisco — **Tem que brilhar?**

Ruddy — Não só que tenha de brilhar. Eu acho que não devo misturá-lo pois pode ser que, a qualquer hora, ele não queira mais se expor, embora, atualmente, não tenha esse grilo na cabeça dele. É a minha maneira de ver as coisas. Não é egoísmo, não. Eu sou uma pessoa muito conhecida e todo mundo me conhece com ele. Se me convidam e ele não pode ir junto, eu não vou. Sempre que um é convidado, vão os dois. No banco onde ele trabalha todo mundo sabe que a gente tem caso. O gerente, por exemplo, me dá conta especial e a gente tem conta-conjunta. Agora, eu sou a estrela da casa, mas toda estrela que se preza tem um bom marido.

Antônio Carlos — **Na sua relação com o Zeca, há uma exigência de fidelidade?**

Ruddy — Nós nos respeitamos muito. Ele nunca ficou sabendo de nada a meu respeito, nem eu a respeito dele. Mas é muito ciumento. E eu também. Eu tenho várias personalidades e esta é uma delas. Apesar disso, a gente nunca saiu na porrada. No carnaval, eu estava no baile do Canecão e tinha um homem vestido de super-homem, você se lembra Zeca? Durante todo o baile, ele me acompanhou. Onde eu estava ele estava atrás. Você não esqueceu não, não é Zeca?

Alceste — **E você depois descobriu que de homem ele só tinha o super?**

Ruddy — Nem cheguei. O Zeca não deixou.

Francisco — **O Zeca parece muito sério.**

Ruddy — Ele é, mas é bom assim, porque fica tudo controlado. Eu nasci para ter paz, quem cuide de mim, pois eu detesto ter de fazer qualquer coisa. Só arte.

Zeca — Ele acorda de manhã, escova o dente e nem tampa a pasta.

Francisco — **Você pensa no dia de amanhã?**

Ruddy — Eu tenho algum receio. Por exemplo: de assumir compromissos e depois não poder pagar. Jamais pedi dinheiro emprestado para ninguém. Já passei fome para não pedir dinheiro emprestado, mas já dormi com pessoas para poder comer no dia seguinte. O que é comer duplamente. Isso já aconteceu, mas eu acho que foi **chic.** Eu não tenho preconceito com relação a nada. Sou desprovido de conceitos e preconceitos. Não tenho opinião formada. Hoje eu venho aqui e digo isso tudo, mas amanhã eu desminto tudo. Eu posso inventar tudo, porque sou poeta.

meu sótão

Sinto na pele
um cheiro de mofo
dos dias passados
comigo trancado.

Me faz mal este cheiro,
é hora de me soltar,
de ir em busca da aventura,
buscar o ar puro
na respiração das pessoas.

Estive aprisionado comigo,
voltei a ser embrião,
mas cansei do meu espaço interior.
Vou voltar para a vida
e disputar novamente
o lugar a que tenha direito.

Vou soltar minha mente
em direções diversas.
Tem de ser agora,
senão apodreço
sozinho neste sótão
de minha consciência.

RUDDY

Tem odalisca no samba

(Um inédito do incrível Ruddy)

Bicha vence na vida por audácia. Ela tem que ser bicona, bichona, furona e outras coisas que terminam em "ona"... E se é preciso audácia na vida, eu quero morrer de audácia. Eu e o meu amigo Oldy. Me diz se alguém já pensou em ver a Portela desfilando na Avenida, curtindo um forte enredo verde-amarelo em cima de "Macunaíma" e, de repente, surgir em sua frente duas bichas, vestidas de odaliscas, bem orientais, e de azul e branco?

É claro que não, você diria, e estaria certo. Mas estaria errado. Pois, embora não tivesse sido divulgado, isso realmente aconteceu. Eu e o Oldy tivemos altos momentos de dança do ventre em plena Antônio Carlos, seguindo a corte de Macunaíma.

Mas a culpa não foi minha. Nem do Oldy. Foi de quem nos deu a tal fantasia. Ou talvez, do Guilherme Guimarães, que se visse a sua assinatura sambando no asfalto, teria um chilique.

Tudo começou no baile de gala do Municipal do ano anterior. Em cima de um camarote, um grupo de odaliscas fechava. No meio delas, Mme. Godinho e sua filha, clientes e amigos. Elas estavam muito bem, mas em mim a odalisca ficaria muito melhor. Não preciso dizer que amei a fantasia, e Tia Oldy aussi (aussi é "também" em francês. Nem todo mundo sabe...). Dias depois, Mme. Godinho me enviou as duas fantasias. E aí, o que fazer? As cores eram da Portela, não havia escolha. Chegou o domingo e, com a ajuda do Izidro Bijoutier (Bijoutier já virou sobrenome), que enxertou umas plumas em nossas cabeças, partimos para a avenida, loucas e bêbadas em noite de par de jarras. As plumas, aliás, estavam radiantes por voltarem à Avenida, pois tinham sido da fantasia da Becki Klabim no ano anterior e depois transformadas em abajur na casa do Oldy. Mas, em nossas cabeças, pareciam que tinham nascido lá, pois bicha e pluma terminam sempre juntas.

Na concentração da escola, o medo era sermos descobertas. Andávamos de um lado para o outro, pra ninguém notar as intrujonas. E a confusão começou junto com o samba, quando o Oldy caiu de salto e foi parar no meio da ala das baianas. Foi uma mistura de baiana com odalisca que até hoje me confunde as perninhas do Oldy pra cima, a cabeça por baixo da saia rodada da baiana, a negona de cara fechada, puta da vida, querendo se safar da situação...

E eu sem me entender, sem saber em que país estava, vendo odalisca sair debaixo de uma baiana preta, que Mil e Uma Noites e que Congo, mas que país é este... Mas que nada, na Avenida se viaja sem sair do lugar e sem pagar depósito compulsório.

Depois disso tudo, sobraram umas plumas quebradas, um salto partido e um lenço na mão de um guarda, cheio de lança-perfume. O guarda perguntava de quem era o lenço e ninguém dizia nada...

Fugimos rapidinho da ala das baianas e fomos dar de cara com a Veruska, vestida de rainha de candomblé, com coroa, cetro e tudo menos roupa. Rainha do candomblé, de biquini e sutiã. Somente na Portela... Pena que não se podia fazer topless, seria uma boa oportunidade para Veruska mostrar todo o seu silicone. Formou-se o trio mais louco.

A Veruska, na confusão, tinha se perdido do rei e estava à cata de uma vaga entre as alas. Nós duas, enxertadas, só queríamos desfilar. O jeito era arrumar uma posição de destaque. Baixou o espírito de odalisca-Líder, peguei o Oldy pelo braço, a Veruska pela cauda e entramos na Avenida bem na frente de um carro alegórico. Se o candomblé tinha rainha, acaba de ganhar duas princesas-odaliscas... Veruska no meio, Oldy de um lado e eu do lado da imprensa (é claro). Choveu fotógrafo em cima. Afinal, era um trio diferente do resto da escola, que naquele ano não estava muito boa. Aplausos, gritos, muito confete e frescura, tudo o que tínhamos direito, graças à audácia...

Nos meus ouvidos, pandeiro virou flauta e o samba era das Mil e Uma Noites... Naquele momento eu faria a felicidade de qualquer califa com petróleo, bigode e tamborim. Afinal, tem odalisca no samba.

ENSAIO

Aborto corpo livre

"A embriaguez das mulheres traía Roma, abrigava o sangue bárbaro nas artérias dos romanos". Nieztche (A Gaia Ciência)

Não é novo, talvez, o receio dos romanos de que o sangue bárbaro se espraie em toda sua potência; e que penetre as fendas do corpo, descrevendo um percurso de outras idas. Que esse sangue é estrangeiro, desconhecido das células dos soldados, corpo estranho em velhos organismos. Não, não é de agora esse horror de Roma às mulheres. Feiticeiras que trabalham seus açúcares à meia luz. Penumbra. Sua ação se dá numa outra parte que não as ruas familiares dos cidadãos romanos. Seu nomadismo não lhes permite integrar nenhuma cidade; sua condição marginal não lhes permite compactuar com nenhum dos grandes; passam pelos lugares e não ficam; invadem a cidade com seus olhares. Elas são feiticeiras de sua própria carne; elas elucubram seu feitiço a nível de seu coração e de seu pelo; sua ousadia é de possuir seu próprio corpo e todo o Encanto vem de saber usá-lo.

Nós, mulheres.

Feminino, não há nenhum eterno. Há o que somos agora e o que queremos. E nos proíbem de fazer aborto. Pensar isso é pensar em Roma. Aí nenhuma metáfora, porque ser bruxa é nossa real condição política. É novo afinal o medo romano, é muito novo. Como a traição alcoólica que perpetram as mulheres.

Proibir a mulher de abortar e não proibir o DIU, que é um mecanismo abortivo? Procederíamos a uma discussão sem fim sobre por que vias metafísicas ou placentárias e em que momento da gestação, a vida (?) se inocularia no feto. Inútil e risível. Nessa questão, a vida de que se tem certeza é a da mulher que, sentada sozinha na sala, espera que a junta de legisladores, amantes, curiosos, médicos, juízes decida o que vai se passar no corpo dela. E esse corpo é inóspito à interferência deles, não deseja que se lhe administre as contrações dos órgãos.

Proibir a mulher de abortar por uma preocupação com a saúde dela? E liberar a pílula, que interfere na economia dos hormônios e transforma a mulher na cobaia da medicina oficial que lamenta os efeitos que talvez nem colaterais, uma vez que aceitos tão facilmente.

Tudo isso parece talvez irracional. Fruto de uma ação desregrada, de um erro, um lapso, um absurdo. Mas não é. Trata-se do efeito de uma economia de forças bastante lógica, bastante razoável, dotada de uma ordem interna em que vigora uma regra, sendo possível até compreendê-la.

Como tem sido difícil para nós estar a cargo da fertilidade. O corpo da mulher tem sido muito mais vulnerável ao controle minucioso da sociedade disciplinar do que o corpo do homem, por a princípio já escapar-lhe como coisa sua, de seu uso próprio. O corpo feminino tem sido freqüentemente visto como o lugar em que forças universais se defrontam, determinando coisas por demais definitivas para serem acreditadas, tais como o equilíbrio das populações, a harmonia mundial pelo controle demográfico. Como é difícil carregar essa responsabilidade e como é fácil a mulher se esquecer nisso tudo enquanto unidade individual segregada do corpo universal e dotada de vontade, desejos, pressão arterial, idéias e expectativas.

Eis talvez uma primeira maneira de substituírem-nos nosso corpo: integrando-o num todo inapreensível, inescrutável; tirando-nos o direito de segregarmo-nos como sujeitos ou, melhor dizendo, determinando os momentos em que essa segregação é desejável. Porque não se trata de uma proibição pura e simples que nos é imposta. Os mecanismos do poder que estão à nossa volta e nos níveis mais pequenos e imediatos de controle, são muito mais sutis e insidiosos. O que se faz não é proibir coisas em bloco, a partir de dois pólos rígidos proibido-permitido. Trata-se de uma economia mais complicada em que se permitem em alguns momentos certas coisas e se proíbem outras em certo grau ou de um certo jeito. É um tipo de controle que se chama gerência, bastante familiar à sociedade da disciplina que é a nossa, e que se realiza de um modo muito claro na dominação do corpo feminino. É nos dado controlar nosso período fértil a partir de nosso desejo sexual? Sim, talvez em certas ocasiões.

Quando abortar e porque. Até que ponto não é aviltante exercer livremente nossa sexualidade. Em que medida somos ainda mulheres livres, ou já consideradas putas, ou até que ponto gozar, por que caminho, ou a partir de que carícia; quando parir, quando se dar, quando se guardar. Essa administração não é nem um pouco irracional; está a serviço da lógica do poder. Calar as mulheres por seu sangue bárbaro, calar os homossexuais e as confianças. Porque só os pequenos são capazes de desfazer o que as instâncias oficiais preparam e fazer uma coisa, produzir outro acontecimento.

A mãe natural, em harmonia com as árvores e as coelhas — mito para um corpo dócil e submisso. Não podemos mais acreditar na pretensa preocupação com nossa saúde. Inventam nosso corpo como uma estrutura labiríntica, complicadíssima. Cremos que morreríamos de fazer aborto, ou que doeria se nos tocássemos. Cremos numa fragilidade irreal dos nossos órgãos, que é a fragilidade que elegeram para reger todas as nossas ações. Cremos no quebradiço de forma e função de nosso organismo, deixamos que inventariam nossas contrações uterinas, escapa-nos os momento da dor e do alívio, do prazer. Queremos outra coisa agora. Esse hieroglífico é irreal e não nos convém. O nosso ministério, e bem outro. É o das sutilezas da sibila, o charme político da feiticeira. É desconfortável ser um livro místico, e é sobretudo paralisante. Os nossos órgãos são embutidos, não podemos vê-los como os homens vêem os seus. Mas não há nenhum intrincamento de caminhos, e se existe um labirinto, nosso sangue é muito hábil em percorrê-lo, assim como nossos dedos. Aguardar a própria decifração, feita por algum outro, é o tédio da sonolência nem o sono nem a vigília, mas o entorpecimento, o esmaecimento do brilho. É para perpetuar tal atitude de espera que se atribui à mulher esse tipo de mistério. Não há nada a ser deslindado, o que queremos são outros mistérios a que possamos acoplar os nossos. Não mais podemos crer no ar rarefeito que envolveria nosso útero, na precariedade de nossos ovários. São órgãos nossos, que queremos conhecer, conviver, controlar.

É claro que a noção de natureza está no centro de toda essa situação de invasão do corpo feminino. Invenção de nossa época, esse conceito organiza regras de alimentação, de comportamento, de práticas sexuais, de vestuário. É um operador social brilhante, e sua eficácia se baseia na resistência ao novo e à mudança. Porque o que é natural está inscrito em nossa alma, é inerente e constitucional, o que inviabiliza a possibilidade de fazer diferente. Se as relações genitais são naturais, é impossível gozar na ponta da orelha. E nós sabemos que só o inusitado é revolucionário; que só se muda quando o antes impensado passa a ser possível. Sabemos também que o natural é contemporânea arma de nossos atuais inimigos, e que é tão contingente como qualquer outra circunstância histórica. O antinatural é o incontrolável, é o que explode e se subtrai às regras da manipulação. São duas mulheres se amando, é uma mulher abortando, é a relação sexual com uma fruta ou uma pluma, é gozar na exata curvatura da nuca.

Quando a natureza já não reina, é que sobrevém a vontade. A menstruação é um episódio fluente do corpo feminino. Acontece meio inevitável ao longo dos canais do corpo, durante um certo tempo e numa certa data. O processo de gestação flui também, incoercível. Uma vez deflagrado conduz a um fim já esperado. De todos os eventos do corpo da mulher, o aborto é o mais antinatural, o mais imprevisto, o mais induzido e deliberado. Quando se interrompe a gravidez, não se exerce apenas uma ação negativa de cessação de um processo, mas deflagra-se um outro, que é o exercício pleno da vontade da mulher. O que irrita os romanos nesse ato é que aí a mulher é completamente soberana, aí ela decide o curso dos acontecimentos do próprio corpo. Nós sabemos que o aborto é uma operação medicamente muito simples. Não é a intervenção cirúrgica que pela sua gravidade preocupa, mas a intervenção política que por sua eficácia, incomoda. Não é o bisturi que é a contundência temida da situação, é a vontade soberana da mulher que é penetrante e perigosa. Por isso, antes de qualquer outra coisa, proíbe-se o aborto. Nada é casual, a história não comporta nenhuma ingenuidade.

Quando as feiticeiras reverberam seu feitiço, toda a Roma treme, toda ela.

Há uma grande solidão em ser mulher. Solidão povoada, importante, doce e formosa. Solidão que pode ser usada como uma força, pois que é a nossa velocidade, o nosso arremesso. A situação de aborto acentua essa solidão e a faz tão óbvia, porque é um momento em que somos realmente chamadas a intervir sobre nosso corpo, agimos e deliberamos. É um momento muito especial. Malgrado as condições de precariedade moral e material que cercam esse momento e que nos fazem sofrer, existe um prazer que a mulher é capaz de sentir ao abortar. Prazer de achar-se num instante crucial de exercício de sua vontade, exasperação de seus inimigos. Existe um gozo político em fazer o aborto. É preciso utilizar tudo isso como uma força. É preciso não falar em aborto humildemente como último recurso. Chega de nos desculparmos por desejar escolher o que nos concerne. O aborto não é nem algo a que se "recorre", mas alguma coisa que se manuseia, que utilizamos em prol de nosso corpo. Mais do que uma conquista para a questão da contracepção, o aborto é nossa ferramenta política, é nosso instrumento de ação, é um dos meios de proclamar que queremos decidir o que nos diz respeito. Mulheres em plena Roma. Personagens que à hora dos espíritos saem noturnas e seus passos traem a cidade por sua extrema veemência e inevitável doçura. (**Janice Caiafa**)

Meus encontros com Daniel Guérin

Foi na Costa Rica que deparei com Daniel Guérin pela primeira vez. De volta ao Brasil após três anos de ausência, eu vinha carregando uma respeitável bagagem de lembranças, perplexidades e inquietações. Deixara emocionado o México, onde tinha vivido por um ano. Depois, peregrinando por ruínas maias ou descobrindo a América Central, eu farejava sinais do meu cordão umbilical, sem saber que seguia perfumes de cio. Na verdade, aportei na Costa Rica sonhando com amores tresloucados. Já tinha escrito três cartas a meu amigo Víctor, onde deixava entrever, não tão sutilmente, um suspeito projeto sentimental com ele. Acho que a Costa Rica

favorecia a sensação de aconchego. É um país cinco vezes menor que o Estado de São Paulo e, conforme uma piada local, só escapou de um ataque nazista porque uma mosca pousou no mapa-mundi de Hitler e encobriu seu território. Pequeno assim, abrigava entretanto dez vulcões. Subi até o topo de um deles, o Irazu, onde fiquei morando por uma semana, num trailer abarrotado de livros e panelas sujas, lendo à luz de vela e sem poder tomar um banho decente. Como fazia muito frio, dormia embrulhado em cobertores infestados de pulgas vorazes que me encheram de feridas.

Junto ao trailer, meu amigo Víctor construíra um quartinho para seu amante Jeff, um rapaz americano que abandonara a mulher nos Estados Unidos para viver, ali nas encostas íngremes do Irazu, uma paixão desconhecida. Jeff era um cândido fruto da contra-cultura americana. Seu corpo troncudo de camponês contrastava com o largo rosto perfeitamente emoldurado pelos cabelos loiros, longos. Gostava de sair de manhã para apanhar cogumelos vulcânicos: "Feche os olhos e deixe-se levar até eles", me dizia. Percebi logo que sofri muitos conflitos por vier com um homem, mas nem isso impedia que espalhasse luz e ternura, talvez porque olhava com os sentimentos todos no olhar. Víctor era quase o oposto. Arisco intelectual, de corpo espigado e frágil, só se parecia com Jeff na idade: menos de trinta. Dava aula de filosofia na universidade, lia perfeitamente o grego antigo e preparava sua tese sobre Platão. À noite, costumava trabalhar como pianista, numa boate da capital, e com isso melhorava seu orçamento. Era fascinado por música brasileira e me pedia letras em português.

Minha grande tristeza começou quando percebi que Víctor aferrava-se a Jeff com um zelo ferino, talvez proporcional à dificuldade de trazê-lo para ali. Mediante algum acordo com o amante, só não manifestava demasiado ciúme das mulheres. Para minha desgraça, afundei inapelavelmente no projeto acalentado em segredo desde que vira Víctor pela primeira vez no México: eu estava apaixonado. Pior: apaixonara-me pelos dois e criava um impasse a três. No frio do vulcão Irazu, Víctor deixou de falar comigo. Jeff tinha medo, por estar pisando em terreno demasiado novo para arriscar-se duplamente. Certa noite, beijou-me entre os olhos, como a uma donzela. Quanto a mim, dormia solitário, coçando-me nada romanticamente e chorando como órfão, por desejos ingênuos e infinitos amores (minhas expectativas ainda eram infinitas, devo admitir).

Foi precisamente em meio a esses meus suspiros virginais e nada divertidos que conheci Daniel Guérin, jogado entre a poeira e cinzas de cigarro do trailer. Tratava-se de um livro com ensaios e conferências suas sobre a revolução sexual. Essa leitura foi tão reveladora que me serviu de bálsamo e amenizou a frustração dos meus amores pretensiosos. Eu tinha ouvido falar ligeiramente de Guérin como uma bicha francesa (alguns dizem bissexual...) que pretendia buscar uma síntese entre marxismo, anarquismo e psicanálise, chegando a definir-se como marxista-libertário (coisa que muita gente acha surpreendente, senão impossível). Nesse livro, Guérin falava, sobretudo, da homossexualidade (em todo os ensaios), conforme vivida ou pesquisada por vários autores, desde Fourier e Shakespeare até Reich e Kinsey. Além do brilho que revelava como ensaísta, o que mais me impressionou foi sua ternura presente em cada página — coisa rara nos textos, geralmente científicos e assépticos, sobre homossexualidade. Era bela a serenidade com que falava, por exemplo, dos sonetos homossexuais de Shakespeare e o vigor com que criticava os estudiosos do autor inglês, preocupados em "esconder" o teor "escandaloso" desses versos.

Voltei a reencontrar Guérin mais duas vezes, já no Brasil. Primeiro, num livrinho não menos polêmico, sobre a história do anarquismo. E recentemente, na edição brasileira daqueles mesmos ensaios que eu lera nas encostas do vulcão Irazu. Agora com o título UM ENSAIO SOBRE A REVOLUÇÃO SEXUAL (Brasiliense). Em se tratando de um livro de 1969 (Guérin escreveu esses textos no calor de maio de 68), talvez o tempo tenha lhe deixado marcas. Mas posso constatar que ainda se trata de uma obra instigante e de testemunho tão sereno quanto imprescindível. Notam-se nele ingenuidades até saborosas: a maneira etérea e quase cheia de fé com que Guérin insiste na hipotética androginia dos futuros seres humanos; ou seu jeito de referir-se aos homossexuais como "uranistas", no velho linguajar da década de 20 — afinal, o Autor já tem 76 anos de idade e deve ter participado ativamente do intenso movimento "uranista" desse período, sobretudo, na Alemanha. Mas nem tudo aí são ingenuidades. Se Guérin mostra-se um ardoroso defensor das heresias psicanalíticas e do anti-stalinismo de Reich, é também um dos seus primeiros críticos, contrapondo-se à verdade horda de macacas-de-auditório, surgidas há alguns anos, que tendem a colocar Reich no trono de deus. Guérin ataca justamente um dos pilares do mal disfarçado autoritarismo reichiano, ou seja, a idéia de que existe uma regra sexual (a relação heterossexual fundada no orgasmo masculino, considerado normal e maduro) frente à qual todo o resto é desvio, perversão e aberração (inclusive a masturbação e, claro, a pedofilia). Mas é, sobretudo, por seu longo e emocionado ensaio sobre "Kinsey e a sexualidade" que o livro merece o maior carinho. Guérin pretende chamar a atenção para a importância desse desprezado pesquisador americano e dá uma útil visão de conjunto da obra de Kinsey que, de resto, não é das mais fáceis, já pela quantidade de referências estatísticas. Com isso, antecipa-se a atual volta a Kinsey, empreendida por estudiosos de sexualidade. Tanto melhor!

Quando deixei a Costa Rica, Jeff me acompanhou ao aeroporto, depois de discutir asperamente com Víctor, que arranjou uma desculpa qualquer pra não ir. Na despedida, Jeff me beijou o rosto em público, o que deve ter lhe custado muita coragem. Desconsolado e coçando-me até sangrar, fui para a Colômbia e nunca mais os vi. Até hoje guardo um retrato meu feito por Jeff, e um conto de Víctor (ambos queríamos ser escritores). Confundida com isso, guardo também a grata recordação do meu primeiro encontro com a velha e terna bicha anarquista francesa. Estejam onde e com quem estiverem, espero que tais personagens de minhas lembranças continuem (se) amando muito. É tudo (e o melhor) que posso lhes desejar. **(João Silvério Trevisan)**

Devolver aos homossexuais o gosto pela vida

Sempre pensei que o corpo humano, por sua própria natureza, é receptivo a todas as gamas de estímulos sexuais: nem mesmo bissexual, mas polissexual. O próprio Fourier não hesitou em sugerir, em seu "O Novo Mundo Amoroso", que se deveria utilizar o homossexualismo, tanto quanto outras formas de amor, a fim de criar a harmonia social na vida coletiva que propunha aos homens e mulheres. Da mesma forma, segundo Stirner, todos os movimentos anarquistas, de caráter individualista, também defenderam o direito à expressão homoerótica, no mesmo pé de igualdade com as outras formas de relações sexuais. Que fique bem claro que isso não se devia a uma preferência particular. O que eles almejavam era proporcionar a todos a possibilidade de serem eles mesmos no conjunto de suas dimensões (social, política e sexual).

Nos primeiros anos da revolução russa, a sociedade que então se esboçava fundamentava-se muito mais em um mesmo tipo de modelo libertário, no qual, em meio a um entusiasmo coletivo, homens e mulheres participavam da imensa tarefa da construção socialista, sem serem reprimidos em sua sexualidade. Essa comunidade baseava-se em trocas ideológicas tanto quanto em trocas sentimentais ou eróticas. O homossexualismo integrava-se a ela (ver o artigo de Reich: "Restabelecimento da Lei contra o homossexualismo na União Soviética").

Paradoxalmente essa sociedade socialista assumiu em seguida uma feição autoritária, a forma de uma ditadura que, continuando a construir o que denominava "socialismo", restabeleceu aos poucos os valores pequeno-burgueses (estrutura institucionalizada do casal, vida familiar, proibição do homossexualismo e até mesmo intolerância em relação a condutas heterossexuais tais como o donjuanismo).

Nem por isso é menos verdadeiro para mim que somente uma sociedade coletivista de caráter **libertário** pode dar lugar aos homossexuais, no seio de uma fraternidade reencontrada. No fundo, o gênio coletivo não é nada mais do que a soma das energias de cada um dos homens que a compõem. Se matamos o individual no homem, poderemos construir um futuro melhor? Um exemplo recente: maio de 1968, revolução de inspiração autenticamente libertária, quando os estudantes não hesitaram em conceder foros de cidadania ao homossexualismo.

Para mim o homossexual deve engajar-se na Revolução, a fim de realizar-se plenamente. Somente uma autêntica revolução social, de tipo marxista-libertário, pode garantir-lhe o direito à existência. Além do mais, ele ama a virilidade e nada é mais viril do que uma revolução, ao passo que o fascismo exalta uma falsa virilidade e pulula de falsos supermachos.

Mesmo no momento atual, em sociedades ainda submetidas ao capitalismo, as vitórias parciais sobre o obscurantismo não devem ser subestimadas. Muito pelo contrário! Não estabeleço distinção alguma entre a melhoria dos salários, do regime das prisões ou do direito civil (por exemplo, a emancipação da mulher) e a luta dos homossexuais em matéria de repressão, luta que deve ser travada a **partir de agora.**

No plano científico, Gide com seu "Corydon", livro muito menos ultrapassado do que se quer fazer crer. E. Armand em suas inúmeras conferências, artigos e brochuras, René Guyon em seus notáveis "Études d'ethique sexuelle" (muito pouco conhecidos) e, sobretudo, Kinsey contribuíram muito mais para modificar a atitude da sociedade em relação aos homossexuais do que, por exemplo, Freud, petrificado em sua teoria dos "estágios a serem superados". Quero, aliás, lembrar que em meu estudo sobre "Kinsey e a sexualidade" mostrei que o estudioso norte-americano, muito melhor do que o psicanalista de Viena, colocou o problema do homossexualismo de maneira científica e racional. Para ele, a sexualidade não obedece a nenhuma "finalidade" (a procriação) e o positivo é recorrer a todas as possibilidades de aliviar-se sexualmente. Em suma, a natureza ofereceu ao homem meios para abandonar-se a uma festa sexual, que não exclui nenhuma prática e nenhum objeto. Na medida em que um adulto pode satisfazer a sexualidade de um jovem, em particular — e para Kinsey a força erótica do homem atinge seu apogeu por volta dos dezessete, dezenove anos — tal fato, segundo nosso autor, só pode beneficiar aquele jovem.

O homossexual é "normal"? Se se trata do homossexual **exclusivo**, ele é talvez menos "normal" que os demais, que podem ter relações sexuais com os dois sexos e com os mais diferentes objetos sexuais. É no entanto difícil estabelecer o contingente de "anormalidade" no caso dos homossexuais exclusivos. Penso que o principal fato de desequilíbrio, na vida de um homossexual, deve ser atribuído a um sentimento de opróbio social: os vizinhos que o espionam, o porteiro que dá sorrisos irônicos quando ele passa, etc, etc... O desequilíbrio que se pode verificar ocasionalmente no comportamento de certos homossexuais não tem outra origem. O ser humano é contraditório, submetido a diversas motivações interiores — a hereditariedade, talvez? A transmissão dos genes obedece a leis misteriosas... Nesse ponto a ciência apenas engatinha.

Na prática quotidiana, arriscarei o seguinte paradoxo: as ligações amorosas ocasionais dos homossexuais proporcionam-lhes relativamente mais equilíbrio do que uma relação seguida com uma única pessoa: os "casais" homossexuais freqüentemente padecem das mesmas taras dos outros casais. E tão difícil viver os dois para sempre... Por que existem casais de rapazes? Isto se deve, em grande parte, ao medo da solidão e à repressão ativa que a sociedade exerce sobre os homossexuais, em sua procura dos jovens.

Algumas vezes ainda ouvimos dizer que a repressão ao homossexualismo se justifica na medida em que ele seria um fator de "decadência". É freqüente ouvir referências ao império romano. Acontece que estudei esta sociedade muito de perto. O que encontrávamos nela? Um imperador com meios financeiros enormes e, abaixo dele, grandes proprietários de terra que monopolizavam latifúndios imensamente ricos. Podiam desprezar todos os valores humanos, fazendo um consumo mercantil da carne humana. É preciso pois distinguir, quando se fala da antiguidade, sobretudo da Roma Imperial, entre a licença sexual em si e o uso que se podia fazer dela, graças ao poder do dinheiro. Em suas origens, a reação cristã puritana se explica e se justifica muito bem. Os escravos de Roma, convertidos ao cristianismo, não poderiam de deixar de revoltar-se violentamente contra a cupidez sexual dos patrícios, que compravam seus filhos ou filhas por algumas moedas. A esse respeito leia-se Juvenal.

Em todas as sociedades modernas que existe uma grande desigualdade de renda, o homossexualismo pode constituir uma fonte de decadência (veja-se Cuba à época de Batista, o que explica ou até mesmo desculpa a violenta reação do atual governo contra os homossexuais).

Conclusão? Penso que hoje, cada vez mais — e como isso me deixa contente! — existe uma tendência geral de diminuir a diferença entre os dois sexos. Muitas vezes acontece não podermos mais distinguir uma garota de um rapaz. No que diz respeito aos homossexuais, penso que antes de tudo naqueles que são presos como um delinqüente comum por terem tentado satisfazer sua sexualidade através de um ato que era a plena expressão deles mesmos. Penso também em suportar a reprovação social de que são objeto e que são atormentados pela gente é devolver-lhes o gosto de viver. **(O texto acima, de Daniel Guérin, é um excerto do livro "Um Ensaio Sobre a Revolução Sexual", que se encontra à venda na Biblioteca Universal Guei.**

ENTREVISTA

Peyrefitte fala (mal) do Vaticano, da Dietrich, de Sartre, de Pompidou...

Roger Peyrefitte, de 73 anos, é considerado na Europa Ocidental como um dos mais conhecidos escritores homossexuais. Ele publicou mais de 20 livros, com uma tiragem média de 300 mil exemplares. Segundo o escritor, cerca de 9 milhões de livros de sua autoria foram vendidos em todo o mundo. Dez de suas obras foram traduzidas para vários idiomas. (Em português há pelo menos uma edição de "As amizades particulares", feita em Portugal).

Após ter renunciado à carreira diplomática devido a incidentes homossexuais, o autor se consagra, aos 31 anos, inteiramente à missão de escrever. Seu primeiro romance, "As amizades particulares", publicado em 1945, foi um grande sucesso. A obra serviu de base para um filme do mesmo nome. Graças a esse livro Peyrefitte conhece Jean Cocteau e mais tarde Henry de Montherlant.

No início dos anos 50 ele funda "L'Arcadie", o movimento guei francês que se transformou a seguir em centro importante de organização dos homossexuais. Diferente da FHAR (Frente Homossexual de Ação Revolucionária, com Guy de Hocquenghem desempenhando o papel de presidente), fundada em conseqüência dos acontecimentos de maio de 68, "L'Arcadie" permaneceu sempre dominada pelas idéias burguesas.

Entre as obras de Roger Peyrefitte, estas são as mais conhecidas: "Les ambassades" (1951), "Les cléfs de Saint Pierre" (1955), "Les chevaliers de Malte" (1957), "L'exilé de Capri" (1959), "Les juifs" (1965), "Les américains" (1968), "Notre amour" (1967), "Les propos secrets" (1978), e "L'enfant de coeur" (1978). Atualmente Peyrefitte trabalha numa trilogia sobre Alexandre, o Grande, cujo primeiro volume apareceu em 1977.

"As amizades particulares" é um romance que tornou seu autor bastante conhecido, mesmo fora dos meios homossexuais. Com as suas declarações sobre o Papa Paulo VI e com seu romance "L'enfant de Coeur" ele passou a ser veiculado pelos **mass media**. Para muitos críticos Peyrefitte é o escritor de escândalos por excelência, aquele que está sempre procurando novos escândalos. Apesar de seu êxito, seus colegas não o apreciam e preferem conservá-lo à distância. Ele é mesmo desprezado e acusado de fofoqueiro. Mas, de qualquer forma, seus romances têm muitos leitores. O autor desta entrevista é Anton Leicht, o correspondente de **Lampião** em Frankfurt, e as fotos são de Nestor Perkal; ambos foram a Paris exclusivamente para produzir esta matéria explosiva. A tradução da entrevista e do excerto de "As amizades particulares" é de Francisco Bittencourt.

— O Senhor escreveu diversas vezes que toda a literatura que quer ser levada a sério tem de ser escandalosa e chocar a sociedade. O que é a literatura, afinal?

— No que diz respeito ao escândalo eu o coloco em destaque mais uma vez. Aliás, esse termo está ligado à minha pessoa, eu jamais poderia me livrar dele. Para mim, a palavra escândalo tem um significado bem especial. Ela é idêntica à verdade. Explico: tenho por hábito dizer verdades que não são conhecidas e que muitas vezes chocam, principalmente no caso de elas visarem certos personagens da vida pública. Vocês compreendem, não procuro o escândalo em si, mas sim a verdade que ele contém. Não há nada que eu deteste mais do que os escândalos baseados em mentiras. Os **mass media** testemunham diariamente que eles não duram. Sou totalmente estranho a esse tipo de escândalo. Cada vez que me processaram por causa de revelações sobre certas pessoas, sempre ganhei, e no caso de ter perdido, ainda assim eu tinha razão. E porque eu penso antes de escrever. Isso é válido para o caso do processo de Marlene Dietrich contra mim. Eu perdi esse processo. De que se tratava? Em meu romance "Les Americains" tomei algumas declarações da Dietrich que tinha sido publicadas pelo "New Yor Times". Contra esse diário ela não toma qualquer atitude, a mim ela processou. E a justiça francesa lhe deu razão, creio que apenas por galanteria. Fui eu, porém, que disse a verdade, e não ela. Isso não impede que admire essa mulher, confesso de todo o coração. Fiquei irritado com o desfecho da história. Por isso continuei a espalhar algumas verdades sobre ela que a magoaram. Primeiro ela quis me levar outra vez à barra dos tribunais, mas a seguir resolveu ficar calma Hoje, após alguns anos, renunciei a qualquer tipo de polêmica com a grande artista. A verdade é que nunca gostei de ser utilizado por ela para satisfazer sua necessidade de publicidade. Não posso portanto excluir definitivamente que ela vá tentar me processar mais uma vez no futuro. (**Ri**) Vocês vêem como não consigo deixar de provocar as pessoas.

— Por que o Senhor perdeu o processo?

— No meu romance "Les Americains" tem um trecho sobre a guerra do Vietnã. Vejam bem: sou contra todas as guerras, por princípio, mas sou ao mesmo tempo a favor do Ocidente. É a razão pela qual me coloquei ao lado dos Estados Unidos. Isso porque sem os americanos o Ocidente não existiria mais. O Ocidente representa para mim os valores culturais principalmente, a civilização romana que tem sua origem na região do Mediterrâneo. Marlene Dietrich, na época em questão, coloca de público a questão de saber se não seria melhor matar o presidente Johnson. Essa é a verdade. Foi isso que o "New York Times" escreveu. E a "Nouvelle Candide", uma publicação de extrema direita francesa, publicou essas palavras que pareciam mal traduzidas do inglês. Eu me apoiei na versão do jornal francês. A Dietrich negou ter pronunciado palavras semelhantes. Eu sou um homem que luta pela liberdade, não suporto a mínima demagogia. Na verdade, eu sou um antidemagogo. Naquela época, era muito fácil ser contra a guerra do Vietnã. Todo o mundo aplaudia quem fosse contra. A Dietrich fez demagogia pura com as suas canções. Tendo em vista tal situação, gostaria de lembrar os leitores que a mesma atriz recebeu uma honraria pelo apoio moral que deu às tropas americanas no Vietnã. E depois, de um dia para outro, passa a contestar a guerra e torna-se uma demagoga da paz. Eu a ridicularizei por isso. Ela se sentiu ferida e esse é o móvel de seu processo contra mim.

— O Senhor também teve dificuldades com o romance "Les Juifs"?

— Sim, tive uma briga com o barão judeu Rothschild, um dos grandes banqueiros da França. Ele, aliás, perdeu o processo. Ou para ser mais preciso, ele desistiu de me processar. Pediu que meu livro fosse confiscado, mas inutilmente. Desistiu de me processar porque eu me declarei pronto a retirar algumas passagens do livro, que tem aliás uma perspectiva histórica. Eram passagens das vésperas da I Grande Guerra. Clemenceau chegava ao poder para salvar a França. Ele foi informado das condições às quais o governo anterior tivera de se submeter para obter um crédito do banco norte-americano Morgan. O correspondente desse banco em Paris era Rothschild. Este tinha pedido uma comissão que lhe foi dada. Imaginem então esse banqueiro que ficou rico às custas da França, que estava em guerra. Clemenceau disse que ia prender Rothschild se ele não devolvesse a comissão. A história aconteceu exatamente assim. Foi o sobrinho de Clemenceau que me contou. — Fui e sou um homem pela verdade. Sou um antigo diplomata. Em 1931 cheguei mesmo a receber um prêmio como o melhor aluno da Escola de Estudos Políticos. Sempre trabalhei muito. Amo o trabalho e sei como trabalhar. Não preciso de colaboradores. Quando meu sobrinho Alain, ministro da justiça do governo d'Estaing, publicou seus livros, uma carta endereçada a um de seus colaboradores caiu nas mãos do jornal satírico "Le Canard Enchainé." O bilhete dizia: "Envie-me o segundo capítulo de meu livro." Isso é de se morrer de rir. Os que agem assim não são escritores. Mas como ser ministro e escritor ao mesmo tempo? Um escritor deve consagrar todo seu tempo à literatura e a nada mais.

— Segundo o senhor, um escritor não deveria fazer política. Qual é a sua opinião sobre a chamada "literatura engajada"?

— Ser escritor é uma profissão. La Bruyère disse uma vez: "Escrever um livro é como fazer um relógio." Não se pode exercer duas profissões ao mesmo tempo. Renunciei à minha carreira de diplomata em 1940 e me pus a escrever "As Amizades Particulares". Mas me compreendam bem: fico satisfeito de encontrar livros escritos por políticos. Mas são testemunhos históricos e não literatura. Tomem o caso de De Gaulle. Ele disse:'Encontrem alguém que saiba escrever meus discursos".

— O que o Senhor pensa de escritores engajados, como Sartre ou Camus?

— No que diz respeito a Sartre, sua obra é composta de duas partes, sendo que numa há um verdadeiro escritor. Falo particularmente de suas primeiras obras. São testemunhos da verdadeira literatura. Mas depois, Sartre como diretor de um jornal ficou impossível.

— E Albert Camus?

— É a mesma coisa. "A Peste" é um bom exemplo de literatura. Mas o Camus diretor de "Combat" não é mais um escritor. Não dá ser ao mesmo tempo escritor e jornalista. Isso, porém, não quer dizer que eu não aprecio o jornalismo. Interessa-me muito essa profissão. Disseram que eu sou um jornalista da literatura. Mas foi o que também disseram de Voltaire. Quando um escritor se liga a um jornal, ele pode perder sua independência. Ele deve ter resistência para viver com o que ganha como escritor. Sou um dos raros escritores franceses que vivem da profissão.

— Então há muito poucos escritores verdadeiros na França?

— Há talvez dez.

— Quem conta entre eles?

— Hervê Bazin, da Academia Goncourt, Henri Troyat, da Acadèmia Francesa, e Guy de Cars. Não são nem mesmo dez.

— O Senhor ama os clássicos, Voltaire, Rousseau e Montesquieu. Não está muito convencido da qualidade de seus contemporâneos. Como já chegou a confessar, nunca suportou ler um livro de Sartre até o fim.

— É verdade. Há passagens de Sartre que adorei, outras detestei. Não é por acaso que me sinto mais à vontade com escritores dos séculos passados. Eles são, sem exceção, todos grandes escritores. Como vocês sabem eu sou um filho do século XVIII.

— O Senhor conheceu Henri de Montherlant. Nem todas as suas histórias sobre ele são agradáveis.

— Eu guardo uma boa lembrança de Mon-

therlant. Foi com sua ajuda que entrei para a literatura. Conheci-o em 1939, quando de meu regresso de Atenas. Ele é verdadeiramente um grande escritor e devo-lhe muito. Aliás, embora nunca tenha escrito sobre sua pederastia, viveu-a abertamente. Ele tinha meus gostos. No entanto, no momento em que "As amizades particulares" começou a ter um sucesso enorme, Montherlant passou a ter ciúmes de mim. Nossa amizade acaba quando me dei conta de que sua vaidade literária lhe valia mais do que os sentimentos pessoais que pudesse ter em relação a mim. A seguir, comecei a falar francamente dele, talvez até de um modo cruel. Mas não acredito que tenha manchado sua glória. Tem gente que afirma que eu tornei Montherlant mais simpático e mais humano.

— O Senhor também conheceu Andre Gide?

— Encontrei-o imediatamente após o fim da guerra. Um amigo dele me disse que Gide queria me ver depois de ter lido "As amizades particulares". Fui na sua casa. Não gostei nada daquela casa. Não tinha decoração, era fria. Não havia nada que testemunhasse que ali vivia um escritor. Ele parecia totalmente indiferente com o interior de sua casa. Estive com ele uma segunda vez, quando ele veio até aqui para ver meus objetos de arte e as fotos dos meninos de Taormina feitas pelo barão de Gloeden. Eu lhe disse: "Sr. Gide, o senhor conheceu Taormina quase 50 anos antes de mim". Ele respondeu: "Mas nunca ousei bater na porta do barão de Gloeden." "Esse é Gide, com todos os seus complexos de uma consciência protestante.

— O Senhor também fez observações sobre o antigo presidente francês Georges Pompidou...

— Escrevi sobre ele coisas que ainda não eram conhecidas do grande público. Tive de descrever com muita discrição suas tendências homossexuais. Não me compreendam mal! Eu não queria armar um escândalo com o assunto. Meu desejo é simplesmente fazer as pessoas compreenderem que os homens políticos, mesmo ao mais alto nível, podem ser homossexuais. E há outros: O Papa Paulo VI, o atual rei da Bélgica, o antigo secretário-geral da ONU, Dag Hammarskjold.

— O Senhor sempre tem provas que acompanham suas revelações?

— Claro, sem provas eu não ousaria jamais declarar que alguém é homossexual.

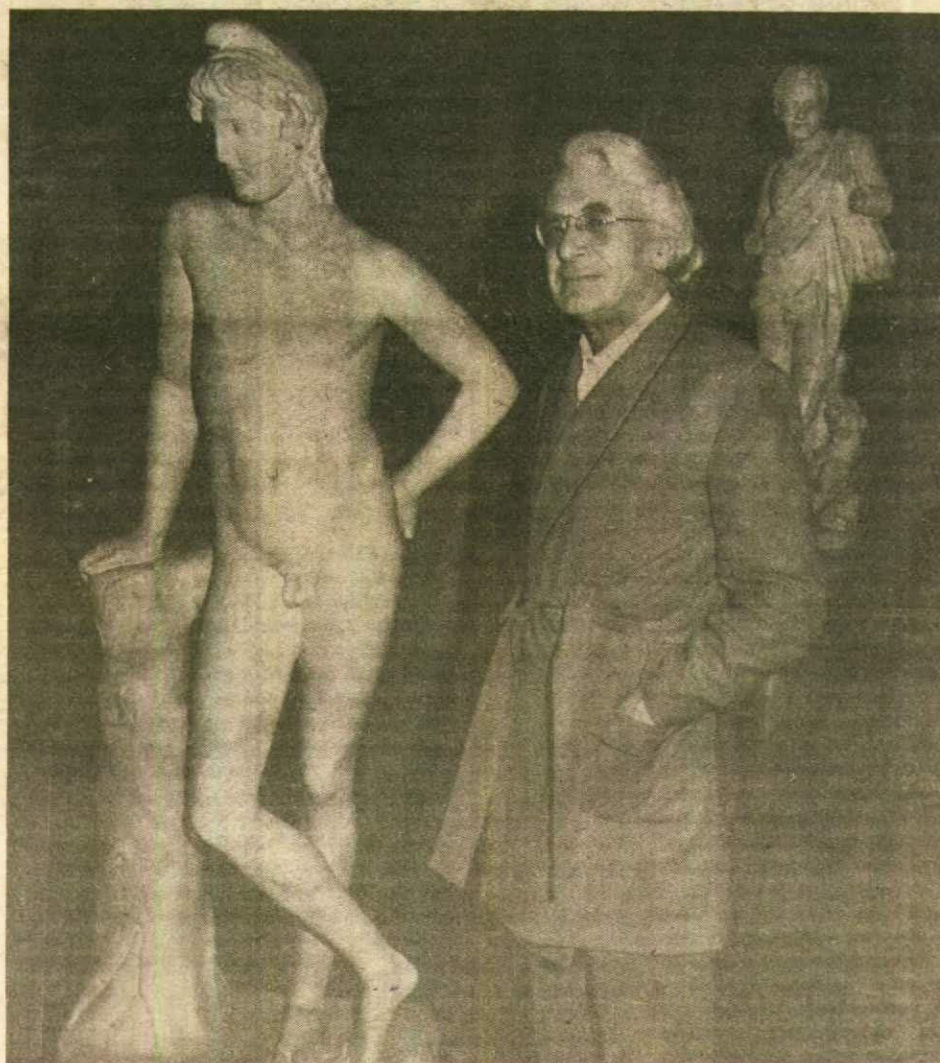
— Não seria o contrário, o Senhor seguindo os rumores que correm nos meios homossexuais? Quanto ao Papa Paulo VI, como o Senhor pode dizer que ele era homossexual?

— É o seguinte: às vezes me chamam de o "papa do homossexualismo" porque eu luto pelos direitos dos homossexuais. Sei sobre Paulo VI porque tive de pesquisar para dois dos meus livros, "Clefs de Saint Pierre" e "Les Chevaliers de Malte", que são os livros mais importantes sobre a igreja católica. Quando o Papa Paulo VI mandou publicar em fevereiro de 1976 um documento condenando o homossexualismo, a masturbação e as relações sexuais antes do casamento, uma revista pergunta minha opinião sobre o assunto. Eu estava verdadeiramente indignado porque sabia que o papa, na época em que era arcebispo de Milão, manteve uma relação com um jovem ator de quem eu sei o nome. Sei também que uma parte da "aristocracia negra", isto é, a aristocracia do Vaticano, freqüenta casas de encontros com rapazes. O semanário "Tempo", italiano, publica a seguir um artigo sobre o homossexualismo do papa Paulo VI e o "Der Spiegel" também. Na Itália foi cômo se tivesse caído uma bomba atômica. O vigário de Roma pede aos católicos que rezem pelo papa que tinha sido injuriado. Fiquei muito emocionado porque não esperava por uma reação desse tipo.

— Seu último sucesso literário é "L'enfant de coeur", que conta sua relação com seu jovem amigo Alain-Philipe e as circunstâncias que o levou a perder de 11 a 12 milhões de francos pelas quais seu "enfant de coeur" é responsável. Não terá sido excessivamente doloroso para o Senhor contar como foi arruinado financeiramente por um jovem?

— Como vocês sabem, "L'enfant de coeur" é a continuação de um livro que publiquei há uma década com o título "Notre amour". São confissões de um relacionamento que mantive com um jovem. Devo a esse rapaz, que conheci quando ele tinha 12 anos e meio, e que agora, aos 28 anos, continua meu amigo, toda uma experiência homossexual. Sempre fui um pederasta. Com esse livro quis mostrar que um ser humano vale mais para mim do que qualquer bem material. De um lado, meu amigo me deixou pobre, de outro, ele me enriqueceu. Creio ter conseguido com esse livro uma grande vitória. Disseram-me que se trata de uma obra-prima. É um hino ao amor homossexual.

Pra quem não conhece o autor

(Trechos do romance "Les Amitiés Particulières", de Roger Peyrefitte)

Georges e Lucien estavam no quarto do padre de Trennes, que ainda levava a rosa na mão: era a flor que ele os tinha feito respirar por um momento para que seu perfume os acordasse. Georges tivera a primazia dessa operação galante; a seguir, a manobra fora efetuada com Lucien. Musset tinha dito que os lábios dos meninos se abriam à noite como rosas: o padre de Trennes abria sob as rosas os olhos dos meninos.

Ele tinha pedido aos dois jovens para que fossem conversar em seu quarto, seria mais cômodo. Como recusar? O padre lhes havia recomendado para não fazer barulho e que arrumassem as camas de maneira que suas ausências não fossem notadas. Os dois meninos enfiaram os chinelos e, vendo que colocaram o roupão, o padre lhes pediu que ficassem apenas de pijama — no caso de sentirem frio, ligariam um aquecedor elétrico. E agora eles estavam lá, muito espantados.

O padre tinha colocado a rosa num vaso e disse sorrindo:

— Rosa mystica, **a rosa dos mistérios.**

Fechou silenciosamente a janela com cortinas escuras que dava para o dormitório. A cama estava feita. Ao lado da penteadeira, guarnecida de vários frascos, havia uma bacia. Sobre a mesa, próximo da lâmpada, três cálices, uma garrafa de licor e um pacote de biscoitos.

Tendo oferecido cadeiras aos seus convidados o padre sentou-se numa poltrona de palha à sua frente.

— Tenho de repetir — ele disse — a palavra do salmista: "Como é bom e como é doce viver com seus irmãos!"... habitare fratres in unum. **Era das máximas favoritas dos Templários, e seus perseguidores quiseram ver nela um sentido infame. Uma grande fraternidade suscita calúnias, senão perseguições. Eu reuni vocês aqui para preservar a nossa. O lugar não é só mais cômodo, mas mais seguro também. Verifiquei, cama por cama, que todos dormiam. Alias, a hora é favorável: é aquela do primeiro sono, o mais pesado. Mas, de qualquer forma, falemos baixo, cheguem mais perto.**

Eles aproximaram as cadeiras. Agora, seus joelhos quase se tocavam.

— Durante o dia — continua o padre — me cercarei das mesmas precauções. Vocês nunca verão eu me aproximar dos que me interessam; isso eu farei com aqueles que me divertem, mas não me interessam: os mais velhos do que vocês, que se acham adultos, e os mais jovens, da quarta série, que se acreditam ainda crianças. Com isso vocês se sentirão acima dos outros e aprenderão assim que os verdadeiros triunfos são secretos.

E ele acrescenta, sorrindo novamente:

— "São muitas as moradas na casa do Pai."

Levanta-se a seguir, desarrolha a garrafa e serve. Georges lhe faz muitas perguntas sobre a Grécia; como eram as pessoas, os hotéis, a alimentação, as estradas, se ainda se encontrava belas estátuas para comprar. O padre respondeu com boa vontade. Prometeu também encomendar as poesias de Musset: Lucien lhe dissera que gostaria de lê-las, já que, segundo Georges, os versos muito belos que o padre tinha recitado há pouco eram de Musset.

— Constato com satisfação — declara o padre — que vocês não escondem nada um do outro, como já tinha notado antes que não se misturam com seus colegas. Tanta intimidade e tanta prudência estão na medida justa que me atrai e me prende.

Ele ofereceu a seus convidados um último cálice e recua para examiná-los.

— Era justamente o que me parecia: seus pijamas não lhes assentam com perfeição. O de Lucien ficaria melhor em Georges, que é mais franzino, e o de Georges foi feito para Lucien, que é mais espadaúdo. Troquem-nos amanhã. Seguindo a palavra de Pitágoras, tudo é comum entre amigos.

Ele olha o relógio de pulso e diz:

— Preocupa-me o repouso de vocês, Deixem-me agora para voltar ao mundo dos sonhos. Como eu gostaria de saber com o que, com quem vocês sonham! Talvez amanhã, graças à minha idéia, Georges sonhará com Lucien, e Lucien sonhará com Georges.

O padre os contempla por algum tempo, como na noite anterior:

— Não esqueçam e eu não cessarei jamais de repetir: a pureza é, aos olhos de Deus, o mais belo adorno dos inocentes, mas ela é também muitas vézes o único que lhes falta. Na idade de vocês, isto é, aos 14 anos, santo Nicolas de Tolentino só conseguia continuar casto usando correntes, cintos de ferro e cilícios, jejuando quatro vezes por semana e deitando-se no chão puro.

E como embalado em seus pensamentos, o padre de Trennes continuou:

— Sim, glória àquele que sempre soube dominar o Demônio! Mas é preciso não esquecer também que o caminho do arrependimento permanece aberto, se falharmos. A virgindade do coração pode ser refeita, e é só ela que importa. Numa grande alma, o furor dos vícios anuncia a força da graça que virá purificá-los. Não desesperam. No fundo de suas misérias eu os farei reencontrar Deus.

Eles aceitaram um cigarro. Lucien então perguntou:

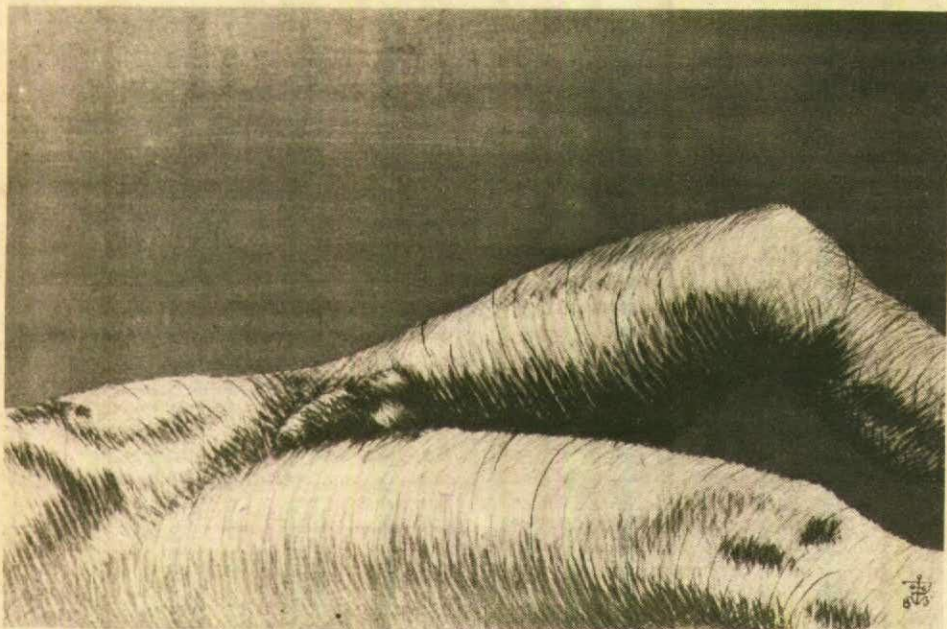
— Mas como é isso, padre, o senhor não dorme nunca?

— Algumas horas me bastam — respondeu o padre vigia. — De qualquer jeito, eu sei me contentar com pouco, ao menos quando se trata de pouca coisa. Sugeri ontem que trocassem os pijamas e, em vez disso, vêm de pijamas novos, que aliás lhes cai melhor que os antigos. Para lhes ensinar a serem mais dóceis, tirei estes aqui dos sacos de roupa suja de cada um e os substituí nos seus enxovais por dois outros quase do mesmo tamanho, que eu tinha justamente numa valise, destinados aos novos. A título de mortificação vocês terão de mentir às suas famílias dizendo que a troca foi um engano da irmã lavadeira.

Ele encheu os cálices e ofereceu biscoitos: o incidente estava encerrado.

— Embora vocês não tenham ainda respondido inteiramente à minha confiança, não saberia mais viver sem os dois. Antes de dedicar minha afeição a alguém, estudo cuidadosamente seu semblante. Foi assim que estudei seus colegas e é assim que escolhi os dois. Cada noite que passa vem retificar minha escolha. Sento-me por um momento ao lado de suas camas, acendendo de vez em quando minha lanterna para poder admirá-los melhor. Com que impaciência espero por esse momento! Para ele me preparo como para uma festa. Também Sócrates se fazia belo, dizia ele, quando ia encontrar-se com uma beldade. Mas há uma diferença entre eu e ele, já que meu primeiro cuidado de beleza consiste em fazer a barba. Já notaram a negligência, digna menos de Sócrates do que dos filósofos cínicos, dos meus colegas nesse sentido? Alguns deles só se barbeiam aos domingos, para a missa principal. Meu cerimonial é diferente: barbeio-me não apenas pela manhã para todo o mundo, mas também à noite, para vocês. Desejo oferecer, mesmo que estejam dormindo, como num espelho velado pelas pálpebras de seus olhos, às suas almas ainda infantis, sem manchas e indefesas, um rosto honrado de homem.

Georges não se conteve e soltou uma risada de todos aqueles refinamentos com a barba, e murmurou com uma voz ligeiramente irônica:

— Santas doçuras celestiais, adoráveis idéias! — Era uma citação de Corneille. Para aquele clima, vinha a calhar.

Entre luz e sombra

A magia destes corpos nus reside principalmente no jogo de luz e sombra que o artista consegue com os meios mais simples. Na última exposição de Wagner Dotto, na Galeria Independência, de Porto Alegre, em junho, o público ficou deslumbrado com a beleza solene e ao mesmo tempo altamente sensual destas figuras.

Dotto é gaúcho, nascido em Caçapava do Sul, e está de viagem marcada para o México, com bolsa de estudos. O nu é o seu elemento preferido, e ele costuma desenhá-lo em todas as posições e detalhes. **Lampião** pública com exclusividade estes trabalhos.

Mostra em Minas de cinema alternativo

Desfrutando do novo **status** feminista que as mortes femininas trouxeram a Belo Horizonte, no seu bojo vêm também outros setores que se articulam na tentativa de abrir espaços e cabeças para alternativas independentes. Assim sendo, de 26 de outubro a 1º de novembro estará acontecendo no Palácio das Artes uma espécie de feira cultural, ou feira do espaço-vivo, onde todos os segmentos de pensamento alternativo estarão se manifestando livremente.

Sob o nome da 1ª mostra de Cinema Brasileiro Independente, com abertura para bitola em 8-16-35 e VT vários grupos de raça, credo ou cor, discutirão livros, alimentação, medicina, imprensa, advocacia, ecologia e música.

Assim, se você tem uma alternativa independente a propor, se você acredita que a mente é andrógina, e se você acha que roupas, credo ou cor foram inventados apenas por discriminação social, racial ou sexista, levo uma monografia, um espírito ou um forno para oferecer os corações. A mostra de cinema será levada no MAM do Rio e na Cooperativa Brasileira de Cinema, (Cine Ricamar), iniciando por aí — pelo menos é a intenção — a organização de um circuito paralelo que possa saciar a avidez dos que buscam coisas pela vida. Para as mulheres, que se lembraram delas próprias, (ao invés de serem convidadas, como o foram várias entidades de classe), como tem muita cineasta com trabalho para ser visto, não foi difícil organizar um pacote de filmes e uma monografia sobre mulher, violência e poder.

Os filmes femininos que participarão da Mostra, por estranho que pareça, têm muito a ver com as vibrações atuais belorizontinas. Landa Ribeiro mostra uma mulher sendo assassinada. Célia Rezende mostra como, através de vários níveis de prostituição, as mulheres podem ser assassinadas, e Leilany Fernandes Leite, com "Tempo Quente", trilha sonora da Sandra Sá faz um apanhado geral, no barato, de seres que podem ser outros seres. Isso sem falar no apoio em massa do Centro dos Direitos da Mulher, Nós Mulheres, Brasil Mulher, Grupo das Lesbicas Feministas e por aí a fora. Sem deboche inscreva o seu princípio de vida.

(Leilany Fernandes Leite)

Mistérios de Gracinha Tropical

Como previ e apostei no número anterior, **Blue-Jeans** (de Zeno Wilde e Wanderley Aguiar), passou de um livro de sucesso a um espetáculo de estrondoso êxito, lá no SENAC de Copacabana, dirigido por Wolf Maia. Aí estão as casas lotadas, os aplausos fortes...e a polêmica dos críticos contra eles mesmos.

Claro, que há erros, falhas, deficiências, mas o saldo geral e final é altamente positivo. Nem é por acaso que o público, seja qual for a sua preferência sexual, tanto se identifica com o espetáculo, mesmo quando leva porradas monumentais.

Do elenco, sobressai Luiz Carlos Niño, um menino de 15 anos, um tremendo ator. E foi com ele que levei um longo papo, domingo, dia 14 de setembro, durante a tarde inteira; desta vez, porém, não era apenas mais um papo, daqueles que temos levado quase diariamente: a gente ia fazer um trabalho para o LAMPIÃO. Niño falando dele mesmo, Niño falando das pessoas, da vida, do sexo, Niño falando, sobretudo, do fortíssimo personagem que criou, a **Gracinha Tropical**.

Com 16 anos, **Gracinha Tropical** é um garoto de vida dupla. De dia, estuda num colégio estadual, lá em Quintino, aparentemente igual a toda a sua turma. De noite, a família crê que ele seja **office-boy**, num hotel de Copacabana; mas, de fato, com o acender do néon, ele vira cantor transformista, numa boite da Lapa; depois do show, quando pinta alguém interessante, até pode sair para transar e melhorar um pouco seu orçamento michuruca.

E Niño, como veste a pele dessa figura rica e sedutora? Como se relaciona com ela? Que pensa dela? E da vida que ela leva? Mil perguntas, mil respostas, mil surpresas.

Filho da atriz Ilva Niño e do diretor Luiz Mendonça, **moro na Glória, com a mãe, que tem quarenta e poucos anos, e faço teatro, infantil e adulto, desde 1972; destaco "Antígona", com Maria Fernanda, e "Canção de Fogo", de meu pai. No cinema, gostei muito de fazer "Sábado Alucinante". Na TV, recordo "Te Contei", os três "Malu Mulher" em que participei, e, sobretudo, aquele que foi proibido e em que eu era o personagem-centro, chamava-se "Jovem, você tem que ser alguma coisa na vida". Também fiz fotonovela, para a Amiga. Mas, realmente, prefiro mesmo é teatro.**

O menino Luiz Carlos Niño Mendonça, estuda no Externato Angelorum. **É um colégio de freiras, ótimo, lá na Glória. Meu relacionamento continua sendo excelente, com as freiras e com os colegas; com alguns professores é que tenho alguns problemas....**

E Gracinha Tropical, Niño? **Olha, eu curto demais o personagem, os detalhes todos, é uma prova teatral, cara. Ela é uma pessoa incrível, riquíssima, sem grotesco; ela traz todo um lado humano, fodido, do travesti, o outro lado. E é nessa que eu vou!**

E ela é uma gracinha mesmo, um barato, me lembra mais as putas novas da Lapa, que já se vendem aos 15 anos, mas que já viveram, no mínimo, 30 anos. Ela é uma mistura do jovem garotão com a criança, com a mulher, e com seu desejo de ser Gal Costa; é aí que ela atinge o pique. É uma pessoa legal. E eu nem sei se ela gostaria mesmo de ser mulher! É dúbio, como todo o travesti: quer parecer mulher, mas não é e nem talvez queira ser. Coisa mal resolvida na cabeça dos travestis, eu acho, essa diferença entre homem e mulher. Será que eles gostariam mesmo de ter nascido mulher? Não sei...

A gente quer saber uma coisa: que é que o Niño pensa de Gal Costa? Aquilo que **Gracinha Tropical** pensa? **Olha, meu irmão, acho Gal ótima, muito mesmo, mas não é a minha favorita. A minha cantora é Liza Minnelli. No Brasil, na frente da Gal, tem Elba Ramalho, Ângela RoRo e Sandra Sá; dentro de uns cinco anos, elas serão a primeira fila, tenho certeza. Gal não tem a metade da força delas, do pique delas.**

Niño, você quer dizer alguma coisa, através do nosso jornal, aos travestis de verdade? **Quero sim! Quero dizer que estou sentindo como a barra deles deve ser pesada, como as coisas devem pintar muito loucas. Quando me maquiei no primeiro dia, me vi mulher no espelho, minha cabeça pirou. Você tem pau, você foi criado de um certo jeito. De repente, "muda" e sai pela rua: mudança muito louca pra sua cabeça. Mudou por fora, mas na cabeça é homem. Você nasce aprendendo a ser "homem", pô; se não levasse essa educação, não ia ser tão duro, acho. Olha, no palco, travesti eu vejo como coisa mágica, coisa lindíssima; mas, na rua, deve ser uma piração só, na tua cabeça.**

Me dá uma opinião bem sincera: aos teus olhos, **Gracinha Tropical** é um homossexual? **Claro, tranqüilamente, ele curte homem mesmo, já deve ter nascido cantando o médico! mas, eu acho que todos os michês do Blue-Jeans também são homossexuais: eles amamam, se apaixonam, trasam sentir o outro homem, se comportam como quem prefere transar com homem mesmo. E aquele michê que vive gritando que adora mulher, o Renguitem, esse eu acho que também é; duvido muito de quem sempre quer se mostrar machão, anda escondendo qualquer coisa, dos outros e dele mesmo.**

Você ja fá foi cantado, paquerado, aqui no espetáculo? **Ih!!!, logo na estréia, tinha um cara na primeira fila me cantando; no final, aplaudindo, ele me fez mil sinais, me querendo espear lá fora. Mas, tudo bem, não fico grilado, não. Até tem pintado coisas bem engraçadas, bem cômicas, nada da pesada, nada brabo.**

E teus pais, como te vêem sendo a **Gracinha Tropical**? Algum problema? **Não, nada disso, meus pais estão curtindo muito, o pai está maravilhado, a mãe adorou. Me deram a maior força, o pai dizendo "tem mais é que fazer", a mãe me ajudando e ensinando. Os dois me deram mil dicas artísticas, um barato.**

Estamos chegando ao fim do nosso papo e eu quero te escutar falando de sexo. Pode? **Pode, sim! Pô sexo é básico, ele te dá força para viver, ele te deixa em pé ou te joga no chão, está ligado a tudo. Se teu sexo não estiver numa boa, tua vida estará numa merda, podes crer. Eu já transo, desde o princípio do ano passado, e isso é muito natural para mim, sou muito natural no sexo. Comecei transando com uma garota de vinte e poucos anos, foi legal. Mas, também acho muito normal homem transar com homem e mulher transar com mulher, coisa muito natural, nenhum grilo. Tudo é questão de opção, ou de preferência.**

Me despedindo, falei pro Niño que acredito que ele vai ser premiado, pela sua **Gracinha Tropical**. Mas, ele acha meio difícil: **ator novo, habitualmente, só ganha com teatro infantil. E, eu tenho 15 anos, né?! Agora, eu acredito que Blue-Jeans vai ganhar em Texto e em Direção, isso sim.** (João Carneiro)

LAMPIÃO

Apenas uma boa intenção

Teatro Senac, Copacabana, Rio. Noite de estréia da peça **Blue Jeans**, de Zeno Wilde e Wanderlei Aguiar Bragança. Na platéia muitos convidados, famosos. Obviamente o elenco deveria estar nervoso, como acontece em toda estréia. O tema fortíssimo: histórias de michês.

Vamos ao espetáculo. Infelizmente, os autores de **Blue Jeans** não conseguiram focalizar bem a proposta de mostrar a vida dos michês. Neste espetáculo, somente mostram uma descarga de momentos dramáticos da vida de alguns rapazes que vivem de prostituição. Os autores parecem que preferiram a linha moralista: Tudo é desgraça na vida dos rapazes. Um verdadeiro hospício. Os espectadores, menos acostumados com este tipo de rapazes, devem sair dizendo, mais uma vez, que toda a bicha é louca e corre o perigo de ser assassinada; que os michês são sempre perigosos ou malucos.

Faltou aí um aprofundamento dos autores no tema prostituição. A peça é uma abordagem superficial. Parece que esqueceram que a loucura, os traumas não são só dos rapazes que vivem às custas da prostituição. Neste momento, eu lembrei da entrevista que o LAMPIÃO fez com um michê, a qual mostrava que os rapazes, muitas vezes, dão um pouco de si para as pessoas solitárias. E que também são seres humanos. É exatamente neste ponto que a peça peca. Ela aborda este assunto, que é muito profundo, superficialmente. Dando apenas algumas pinceladas, quando seria importante se atirar de cabeça por este caminho. O pior de tudo é que fica uma sensação de que nós, homossexuais, somos sempre desgraçados e loucos.

O elenco tem um desempenho homogêneo. Todos colocam muita garra para demonstrar aquilo que o texto propõe. A direção parece estar solta. A iluminação é o forte do espetáculo. O cenário não convence. Os figurinos merecem um ponto positivo. Tradicionalmente os michês se apresentam daquela forma.

Os bons momentos de **Blue Jeans** ficam com Fábio Mássimo, que faz o papel típico de um michê perigoso e com Júlio César, que embora tenha uma dicção muito ruim (ou era nervosismo?) consegue dar um tom dramático que convence. Miguel Carrano, que tem um papel mudo, foi jogado na peça de uma maneira absurda. Ele, por mais que queira mostrar seu talento, que já conheço e acho bom, não consegue. Fica nas caras e bocas. Sua presença é totalmente dispensável. E o momento em que a platéia mais participa, o **show** de Luís Carlos Niño, vem a ser, para mim, o pior momento do texto. O garoto representa muito bem um travesti. Entra aí mais uma vez, o ridículo enfoque deste problema tão complexo. O texto reforça que os travestis não passam de simples **clowns** do sistema. Não se preocupa em discutir profundamente esta problemática.

Enfim **Blue Jeans** não passa de uma boa intenção que na realidade vem reforçar a idéia que o homossexualismo não passa de uma carga negativa na sociedade. Vamos esperar que algum dia alguém escreva uma peça, abordando o lado também positivo de muitos homossexuais. (Adão Acosta).

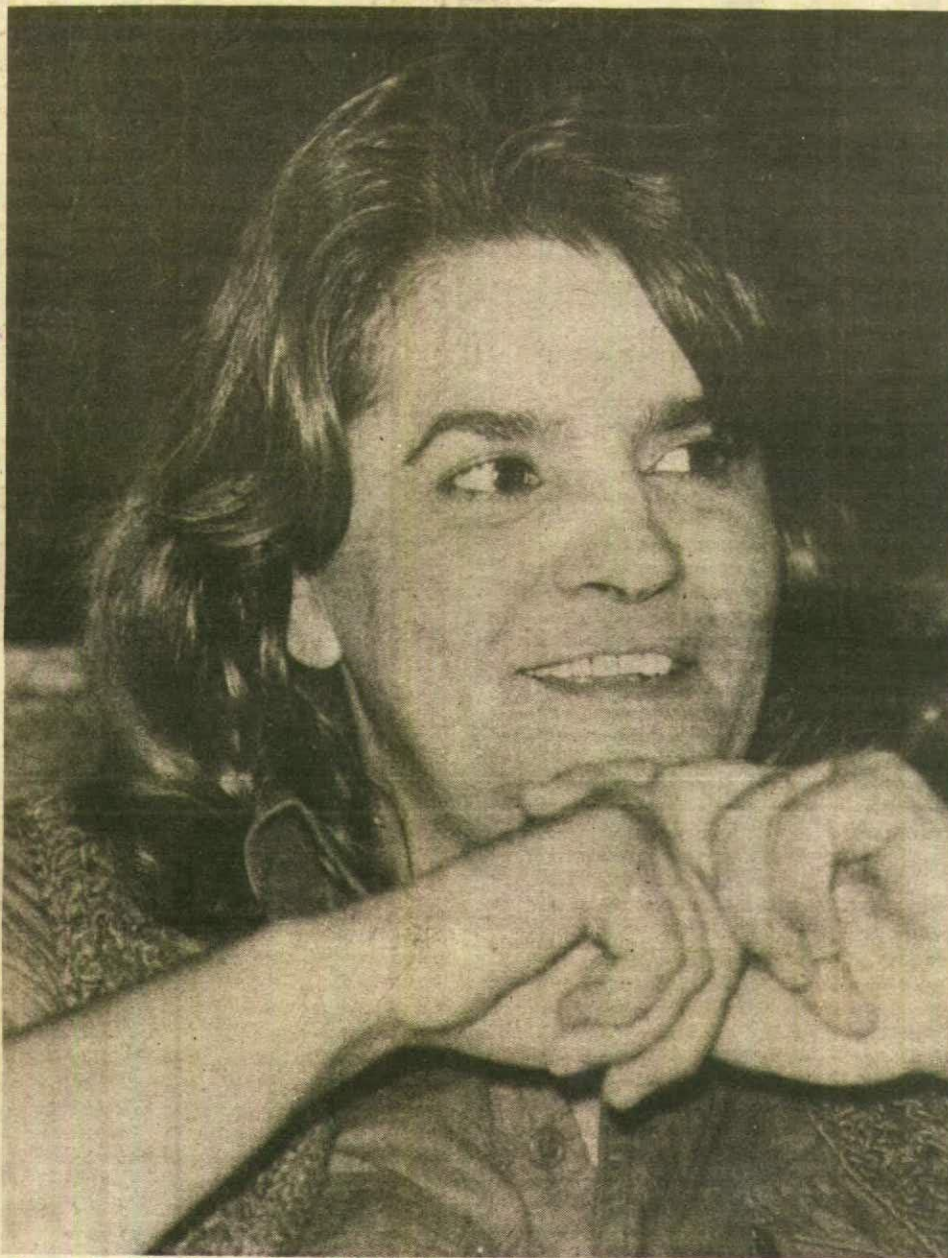
Cassandra Rios: "Assim, até a Bíblia é pornográfica"

Numa tarde fria de um domingo de setembro, pela segunda vez Cassandra Rios dá uma entrevista para o **Lampião.** O encontro foi na Casa da nossa badaladíssima amiga Luciane Louzeiro, atualmente encarregada da divulgação do primeiro filme de Cassandra, "**Ariella**", baseado no romance "**A Paranóica**", escrito em 1952. A secretária Pabla Ortega e a atriz Nicole Puzzi (Ariella) acompanhavam nossa entrevista.

Com cerca de 40 livros censurados e outros vários publicados e vendidos aos montes em livrarias, bancas de revistas ou em qualquer esquina do ramo, Cassandra é uma das poucas escritoras nacionais que vive exclusivamente de seus direitos autorais. Com uma capacidade de escrever "**qualquer coisa que seja literatura**", do infantil ao erótico, ela não se cansa de acompanhar sua máquina de escrever, trancafiada dias a fio no seu apartamento em São Paulo. É capaz de escrever dois, três ou quatro livros ao mesmo tempo, sem se deixar envolver pelo o que acontece lá fora. Ela simplesmente se veste de seus personagens e dá vazão ao rito macabro de sua criação.

Desde a última entrevista dada ao **Lampião,** em outubro de 1978, muita coisa mudou, tanto no panorama político-social do país, quanto para Odette Rios, o verdadeiro nome de Cassandra. Desta vez ficaram de lado a parapsicologia, a premonição humana e os seres extraterrenos, e depois de algumas perguntas mais incisivas, conseguimos extrair alguma coisa das entranhas da "**escritora maldita**", algo de sua personalidade, de sua vida afetiva, de sua vivência, de Cassandra como ser humano, e não como personagem ou escritora.

O bate-papo durou duas horas e meia, e contou com a participação de Francisco Bittencourt, Dolores Rodrigues, Antônio Carlos Moreira, Anne Rachel, Luciane Louzeiro, Pabla Ortega e Nicole Puzzi. Foi um encontro fantástico!

Com mais de uma hora de atraso, chega finalmente nossa entrevistada. Entra solenemente pela porta do apartamento, trajando um audacioso terno, que encontra por parte da escritora a seguinte justificativa: **"Eu vim assim para mostrar que o hábito não faz o monge."** Começam as acomodações, e tem-se início a maratona... (**Antônio Carlos Moreira**)

Cassandra Rios (foto: Dimas Schtinni)

Francisco — Cassandra, eu queria saber se a situação no Brasil em relação à censura e aos problemas, que você tem enfrentado, mudou muito desde sua primeira entrevista ao **Lampião?**

Cassandra — **Bem, em relação à liberação de livros, obviamente que a coisa mudou. Se anteriormente meus livros estavam sendo apreendidos de uma maneira criminosa, arbitrária até, hoje com essa liberação a gente pode respirar um pouco mais. A gente vive assim, num sistema sofrido, como se vivêssemos num tobogã, então de repente estar sem sinfonia no ar, sem liberdade para ler o que a gente gosta, sem liberdade pra ligar o radinho e ouvir a música do Chico Buarque, por exemplo, isto é muito triste. A proibição de meus livros nunca me afetou, porque eu como escritora, continuava fazendo o meu trabalho, sem influência alguma, sem medo de coisa alguma, simplesmente engavetando e guardando para uma época mais respirável.**

Antônio Carlos — Mas Cassandra, paira no ar novamente todo um clima de ameaça e de possível apreensão. Revistas como **Ele e Ela**, que existem há um bom tempo, e que mesmo no período de sufoco maior circulavam com certa liberdade, de repente são ameaçadas de apreensão. Você não vê neste ato a possibilidade de mais uma vez acharem que você é uma pessoa não grata?

Cassandra — **Sim, eu vejo esta possibilidade. Li um artigo sobre apreensão de revistas em banca de jornais, e fiz uma análise muito rápida, e para responder melhor a esta pergunta eu precisaria pensar um pouco mais. Mas eu sou sempre a favor da Liberdade de Expressão.**

Francisco — Você se considera uma escritora pornográfica, como muitos leitores seus afirmam?

Cassandra — **Para esses leitores que me consideram pornográfica, aliás eu não os considero leitores, eu os considero folheadores, porque qualquer livro que se abra em determinada página, procurando determinado texto, torna-se pornográfico. Se nós destacarmos da Bíblia trechos dos** Cânticos dos Cânticos, **de Salomão, nós vamos deparar com páginas onde se tirarmos os títulos, versículos e deixarmos como uma obra sem autor, tais trechos serão pornográficos. Por exemplo:** O seu umbigo é uma taça redonda onde não faltam néctares nem licores. **É a ação da emoção, e está nos** Cânticos dos Cânticos, **de Salomão.**

Francisco — Você tem vários processos por atentar ao pudor com seus livros; como é que estão esses processos?

Cassandra — **Os processos sempre vieram me pegar de surpresa e depois com o transcorrer dos tempos, da minha arte, eu fui fazendo uma ligação em que talvez houvesse uma política nisso. Mudança de governo, apreensão; nova mudança de governo, liberação. Então me vêem sempre como alguma coisa guindando, alguma outra coisa, para algum lugar. Como um jargão que e tornara popular para dizer: Eu estou contra a imoralidade. Mas então por ouvir dizer, porque eu sou moralista. Imoral é quem não sabe ler nem interpretar, e que faz a imoralidade.**

Dolores — Você é moralista?

Cassandra — **Moralista! Instransigentemente moralista! Leia meus livros e faça uma análise. Agora, para ser moralista será que eu tenho que escrever sobre os livros de Santos. Por exemplo, se eu fosse escrever os êxtases de Santa Teresinha, eu numa análise científica ia dizer que ela era uma ninfômana. Religiosamente, teologicamente, ela é uma Santa.**

Anne — Como você vê o moralismo dentro da tua obra?

Cassandra — **O moralismo na minha obra?... Todo mundo está voltado para o sexo, para o erotismo do sexo, e eu não entendo, dentro da minha moral, o sexo sem amor. O sexo sem amor, é uma doença, é um furor uterino. Se existe moral, se existe uma graduação para que se meça o que é moral para o amor, pra mim é isso. Quanto ao comportamento das pessoas, eu me restrinjo ao fato de que nós temos que nos comportar conforme uma sociedade que nos ensinou, para que não sejamos atentatórios à moralidade pública** (dá um risinho irônico), **no sentido dos convencionalismos. Antigamente via-se um rapaz e uma moça se beijando na rua, era imoral, iam até presos. Hoje a gente passa e nem olha.**

Antônio Carlos — Hoje você já vê dois rapazes e duas moças (**risos**).

Cassandra — **Agora vai chegar o tempo em que isso possa acontecer livremente, dois rapazes num colóquio amoroso labial.**

Francisco — Nós do **Lampião** temos esperanças que isso aconteça.

Cassandra — **Bem, pelo menos foi o que prognosticou Nostradamus.**

"...NÃO FAÇO NADA DAQUILO QUE ESCREVO..."

Antônio Carlos — Para combater as argumentações de que você é uma escritora pornográfica, você tem se baseado muito em citações bíblicas, fazendo grandes analogias e mostrando um profundo conhecimento acerca deste livro. Qual é a tua ligação com a Bíblia?

Cassandra — **Eu sou apaixonada pela Bíblia, é meu livro de cabeceira** (olhares de espanto entre os entrevistadores). **Desde os nove anos, quando comecei a freqüentar escola dominical, no Colégio Batista Brasileiro, sem faltar um dia, em convivo com a Bíblia, é um hábito que me acompanha até hoje. Eu aprendi muito com ela.**

Francisco — Qual é a sua religião?

Cassandra — **Eu sou todas as filosofias que tenham um caminho único que é Deus. Eu respeito todas as religiões, desde que elas se dirijam a Deus. Se não fosse ele eu não teria a força espiritual que tenho, porque pelas perseguições e pelas coisas que falam a meu respeito, eu deveria ser uma pessoa neurótica, triste, surrada, emagrecida — estou até gordinha** (risos). **Eu deveria estar dependurada em praça pública, onde um ao passar daria uma paulada, outro deixaria uma rosa...**

Pabla — Todo mundo pinta a Cassandra como aquele mito, inacessível... Mas na verdade Cassandra é um bichinho assustado.

Francisco — Qual é o mito de Cassandra?

Cassandra — **Engraçado, é uma coisa contraditória. Ela me acha um bichinho assustado, outros me acham um bicho assustador e eu mesma acho que como ser humano eu não existo. Eu sou aquilo que escrevo, não sou aquilo que escrevo, eu contradigo o que faço, não faço nada daquilo que escrevo.**

Francisco — Como não faz nada daquilo que escreve?

Cassandra — **É muito fácil de explicar, veja bem: Eu estou sempre ligada à minha máquina de escrever, inclusive já disse que quando me encontrarem morta e forem fazer meu enterro, eu serei enterrada em posição de quem está batendo máquina** (faz um gesto engraçado mostrando a posição. Risos). **Enquanto estou escrevendo, eu sou todos os personagens, eu sou apenas um instrumento de meus personagens. Por isso que eu disse que faço tudo aquilo que escrevo, e não faço nada daquilo que escrevo. Logo autor, escritor e personagem se fundem.**

Francisco — Mas e Cassandra ser humano, não se diverte, não ama?

Cassandra — **Como ser humano?... Eu me divirto, eu sou sempre feliz, porque se eu fosse influenciável, se eu fosse susceptível às perseguições, achincalhes, e alcunha de escritora maldita, "Papisa do Homossexualismo" e tantos outros codnomes pejorativos, talvez eu estaria encolhidinha, escondida e não teria passado do meu primeiro livro. Eu tenho muita força espiritual, eu sou apenas isso, eu sou uma escritora.**

Francisco — Cassandra, você é uma couraça, você se fechou sob a máscara da escritora e não se pode passar por ela.

Cassandra — **Olha, você mudou apenas a expressão que costumam usar, que eu sou escorregadia, que eu fujo pela tangente quando querem penetrar na minha vida particular, etc... Bem, eu amo como todo mundo, todo ser humano, não sou assexuada, sou uma pessoa que sofre todos os problemas que os...** (faz uma pausa, pois fica indecisa ao completar o raciocínio) **o brasileiro sofre, enfrenta.** (risos) **Ponha reticências nisso, antes da palavra sair.** (a conversa se interrompe devido aos intensos risos).

Francisco — Sendo considerada como "papisa do homossexualismo", como você mesma disse, você é muito assediada por mulheres?

Cassandra — **Não, porque eu me considero uma pessoa tão fictícia, tão abstrata, tão irreal, tão inexistente quanto os personagens de meus livros. Eu não tenho uma vida social muito intensa, mas recebo muitas cartas que na maioria das vezes são dirigidas aos personagens que julgam que eu seja, eu respeito tais atitudes...**

Dolores — Você tem um grande público?

Cassandra — **Tenho, e é por isso que quando dizem que eu sou pornográfica, eu não me ofendo por mim, eu me ofendo pelos brasileiros que me lêem, porque seriam todos pronográficos, não é?**

Antônio Carlos — Isto vai muito em cima do que é ser escritora maldita, porque na verdade você coloca dentro de seus livros toda uma força que tem muito de real, você extrapola a ficção e atinge o real.

Cassandra — **Mas a realidade copia a ficção, você não sabia?**

Antônio Carlos — Então as pessoas ao lerem seus livros, identificam-se com aqueles personagens criando um choque de onde você é que fica sendo maldita.

"EU NÃO QUERIA QUE CASSANDRA RIOS FOSSE UM BLEFE"

Francisco — **Ariella** é seu primeiro livro que vai pro cinema?

Cassandra — **É, o filme foi baseado no meu livro "A Paranóica", escrito em 1952, e que está sendo relançado agora.**

Francisco — Como é que foi o seu encontro com a atriz do filme, uma mulher muito bonita, com uma pureza e um ar de inocência em sua fisionomia, incríveis? Qual foi a emoção que você teve?

Cassandra — **Para mostrar o rigor com que eu encaro a arte, e como respeito meus leitores, eu não queria que cinema com o nome de Cassandra Rios fosse um blefe, como muitos filmes baseados em romances. Então eu exigi que o roteiro, feito por mim, fosse seguido rigorosamente, sem transformá-lo numa pornochanchada. Isto era o mais importante para mim.**

Antônio Carlos — No início da divulgação do filme, abusou-se do nome de Cassandra Rios, conhecida de um grande público como escritora maldita, pornográfica e imoral, dando a entender que Ariella seria mais uma pornochanchada. No entanto quando eu vi o filme achei que ele não tinha nada a ver com a idéia transmitida inicialmente, inclusive achei o filme uma coisa muito bonita, que em termos de cinema nacional, raramente pude presenciar.

Francisco — Mas eu quero saber o que você sentiu vendo **Ariella** de carne e osso?

Cassandra — **Mas eu estou contando a história, estou usando o suspense que faço quando escrevo. Você está vendo o que é ser escritora?**

(Risos). **Além de todo o trabalho com John Herbert, diretor do filme, eu ia constantemente jantar com o produtor, Pedro Carlos Rovai, para a escolha da atriz. E eu me entristecia muito, porque eu não estava conseguindo encontrar. Não queria uma moça de muito nome, de muito talento. Eu falei que pra mim bastava uma fotografia para que eu encontrasse Ariella. Então vieram álbuns e álbuns de fotos. Aquelas mulheres nuas, lindíssimas, aqueles nus artísticos.** (risos provocados pela ênfase dado por Cassandra ao referir-se aos nus artísticos) **Não era nada daquilo. Um dia John leva um álbum em minha casa e diz, "eu tenho certeza de que Ariella está aí dentro". Então eu fui olhando. Mulheres nuas, lindíssimas, sob a chuva, de todas as poses. De repente eu vi uma moça simples, adolescente, com uma expressão ingênua e disse, mas aqui está a fotografia de Ariella __ Nicolle Puzzi. E John falou, "graças a Deus porque eu já não agüento mais". (risos) Quando eu a conheci, entrei em transe, era como se eu estivesse conversando com um personagem que saltou das páginas do meu livro.**

Antônio Carlos — E Nicolle, o que sentiu fazendo Ariella?

Nicolle — Ariella me influenciou muito. Aquele clima todo durante as filmagens, o clima de Ariella muito envolvente, era muita emoção. Ariella explodiu dentro de mim. Mesmo depois que eu fiz um filme, aconteceu um caso engraçado. Eu vim para o Rio, passar o carnaval, com uns amigos alemães. Eu mal falava inglês, e estava me sentindo presa dentro do apartamento com aqueles caras falando alemão. Um dia de madrugada, de repente me deu um troço e eu saí do apartamento de fininho, que nem Ariella quando sai de sua casa e vai para a casa abandonada. Abri a porta devagarinho e fui pro terraço de camisola. Algumas pessoas que passaram por mim pelos corredores me olhavam assustadoramente, e devem ter pensado que eu era louca. No terraço eu comecei a girar sem parar, aí de repente eu parei e falei, peraí, você é Nicolle, e caí na risada. (**risos**).

"ENTÃO A BÍBLIA É UM LIVRO PORNOGRÁFICO

ANNE — Cassandra, no início desta entrevista, você disse que o moralismo em sua obra está no fato de não admitir sexo sem amor. Então **Ariella** é imoral, é pornográfico!

Cassandra — **Não é bem isso. Ariella usou o sexo como uma forma de se vingar daqueles que a haviam enganado. Era a única arma que ela tinha, a beleza física, o sexo.**

Dolores — Você disse que é uma escritora moralista. Como é que se enquadraria a moral nessas cenas de vingança de Ariella?

Cassandra — **Não existe o bem sem o mal. Não existe o mal sem o bem. Não existe paz sem guerra. Então como é que a gente vai provar o que é moral se nós tivermos um livro estritamente patenteado, estabelecido, firmado e todinho escrito com versículos bíblicos. Dentro da própria Bíblia há imoralidade, onde deparamos com histórias de incestos como o de Amnon, que se apaixona pela própria irmã. Onde Absalão pra vencer Davi teve de provar em praça pública que ele era mais poderoso, ergueu um arado e fez sexo publicamente com as doze mulheres, concubinas de seu pai, o rei Davi.**

Então isso é imoralidade também. Eu explico a minha moral apresentando os personagens com os seus comportamentos, com a sua bagagem, com o seu temperamento, com o seu gênio e com a sua filosofia de vida. Agora por que todo mundo diz: É imoral! é imoral! é imoral!? (repete em tom de ovação) **Talvez porque as pessoas sejam tão imorais, que se tornem ridículas e imbecis, e capazes de sentir que tudo é feio, tudo é horrível. Eu como escritora, eu sou uma fotógrafa e não tenho culpa se a imagem que retrato seja feia. Eu talvez use bisturi que rasga a alma e coloca à flor da pele aquilo tudo que existe dentro do ser humano. O ser humano é uma simbiose de tudo isso: de moral, de imoralidade, de obscenidade, de amor...**

Antônio Carlos — Qual foi a sua reação quando viu o filme pronto?

Cassandra — **Eu me emocionei tanto, que até chorei. Eu quando o assiti não estava pensando no livro, e sim no filme, no clima que este podia assumir, que era o mais importante. E o clima que eu dava ao roteiro, foi todinho respeitado**

Francisco — Mas o **Lampião** protesta, porque o filme não termina como o livro, num **happy end gay**.

Cassandra — **Eu também protestei, fiquei triste e Ariella também.**

Francisco — Ariella deveria terminar com Cristiane Torloni, a Mercedes.

Cassandra — **O livro, "A Paranóica", mostra a insatisfação, o sofrimento de Ariella pela sua ambigüidade, pela sua tendência e que por isso deveria terminar com Mercedes. O final do filme teria sido uma cena que desapareceu. Dizem que o rolo em que se encontrava a cena desapareceu. As duas vão embora do casarão num carro.**

Francisco — Como desapareceu?

Cassandra — **Eu não sei, eu sei que vi no copião a cena em que as duas iam embora juntas. mesmo assim o filme ficou lírico.**

Antônio Carlos — Mas este final que ficou, de repente não passa a idéia de que elas terminaram juntas, tem-se a impressão de que Ariella se vingou de todos e acabou sozinha.

Pabla — Você não acha que o machismo tenha influenciado para que o final do filme fosse modificado, não permitindo que a mulher saísse vencedora em relação ao homen e que, por outro lado, descartou-se a hipótese de um **happy end gay?**

Cassandra — (risos amarelos da entrevistada) **Não há machismo. Não há machismo pelo seguinte, fica no ar a disputa entre o homem e a mulher por Ariella. Onde há machismo nisso?** (Cassandra não sei bem, e mais uma vez se escorrega) **Sabe com quem Ariella fica no final do filme? Com quem está na platéia.**

Cristiane Torloni e Nicolo Puzzi em "Ariella"

BISSEXUALISMO: QUALQUER PRATO SERVE !!!

Antônio Carlos — Você afirma que o filme coloca uma disputa entre o homem e mulher, e que Ariella não gostava necessariamente de Mercedes. Fica claro durante o filme que todas as relações sexuais de Ariella com os homens, foram bastante brutais, algo animalesco até, e justamente com Mercedes a coisa assume um outro clima, a pureza, o lirismo, o erótico, de uma beleza incrível. Como você explica isso?

Cassandra — **Eu tenho tanto horror da hipocrisia, do falso moralismo, do narcisismo, da auto-afirmação do macho e coisas assim que quando eu escrevo eu sou violenta, eu sou verdade. O filme seria realmente um amor crescendo entre Ariella e Mercedes, seria um trabalho intenso entre Nicole Puzzi e Cristiane Torloni. Mercedes é o ponto alto quando Ariella encontra o verdadeiro amor, quando ela se sente protegida, quando ela se identifica com Mercedes, que é a homossexual genuína, escondendo-se para enfrentar a sociedade. Uma mulher que aparentemente é feliz, mas que sofre, que não tem medo. Então ela se assume, e de repente toda a hipocrisia é vencida por uma verdade maior. O amor não tem sexo. Homem com mulher ou mulher com homem, isto é determinação. Amor não é determinação, amor é imposição. É bom que se tenha claro que ninguém nasce homossexual ou heterossexual, o que eu não entendo é a bissexualidade. Eu não aceito a bissexualidade. A bissexualidade faz o indivíduo infeliz, uma pessoa materialista...**

Francisco — Você acha que não existe a bissexualidade?

Cassandra — **Existe, mas eu acho que aí é uma questão de qualquer prato serve, então eu acho que é insegurança, que não tem uma definição perfeita.**

Anne — Por falar nisso, e Ariella é bissexual?

Cassandra — **Não, ela não é bissexual, inclusive demonstra nas suas reações um ar de vingança, de revolta. Ela transa com todo mundo., mas isso não significa que ela seja uma bissexual.**

Antônio Carlos — Ela incomoda a platéia.

Cassandra — **Além de vertiginosa ela é vampiresca. Mas na realidade, na essência de Ariella, ela é uma homossexual genuína. Veja o simbolismo que está no filme, os pontos altos. Quando ela encontra a estátua no jardim, ela rodeia aquela estátua e a ama como a mulher. Ela acaricia os seios, beija sua boca — não é fetichismo — e a batiza de polinínfaga, a que se alimenta de pólem. Ela não encontrou a estátua de um Adônis, ela encontrou a estátua de uma mulher. Ela já tinha sido assediada por rapazes, mas ela os repudiava. Não por repugnância, mas pela sua tendência. Na troca de olhares com Mercedes, ela se identifica, como todo homossexual identifica um ao outro. Existe uma coisa assim como um raio X, que numa troca de olhares eles se identificam rapidamente. Ariella sabe que Mercedes é uma lésbica.**

Nicole — Eu fiquei com um orgulho tremendo quando cheguei na porta do cinema e li no cartaz o seguinte, **Um filme que não mostra a mulher como um objeto.** Eu achei maravilhoso, porque em geral eles falam de mulheres maravilhosas e nuas... como se tivessem vendendo bananas.

MACHISMO: EU NÃO CULPO OS HOMENS

Cassandra — **Mas eu vou dizer uma coisa. Eu não culpo os homens por esse tipo de coisa, da mulher objeto.** (tumulto, todos querem dar sua opinião)

Nicole — É geral.

Francisco — É a civilização ocidental.

Cassandra — **Sabe por que existe a mulher objeto? Porque existe a mulher objeta. Se não existisse a mulher que se submetesse, que se deixasse transformar em objeto, ela nunca seria usada pelos homens como objeto. Eu sempre absolvo os homens.**

Dolores — Aí eu discordo de você, porque a mulher está inserida dentro de uma sociedade, que é machista... (**Cassandra interrompe bruscamente**)

Cassandra — **Por que ela se deixa influenciar?**

Nicole — Não seria uma questão de cultura. A mulher foi condicionada a aceitar a submissão ao macho. (**tumulto geral. Todos discutem paralelamente**)

Cassandra — **Antigamente ela era uma jóia rara...**

Antônio Carlos — Mas mesmo como jóia rara, ela era um objeto.

Pabla — Você é machista Cassandra?

Cassandra — **Não, eu não sou machista, eu queria ver até onde vai a revolta da mulher pela sua condição, e eu vejo que realmente a revolta cresce dia-a-dia. Então nós temos que nos unir e provar que a mulher é sempre mulher, acima de qualquer convencionalismo, acima de qualquer preconceito, mesmo que seja rotulada de mulher objeto. Mas ainda continuo dizendo, é objeto, no sentido pejorativo, a mulher que se deixa fazer objeto.**

Francisco — Mas não é fácil não se deixar ser coisificada Cassandra. O negócio e muito complicado. Você vive fechada no seu apartamento, escrevendo livros, romances, grandes sucessos. Você não sabe o que é a luta da mulher no meio da rua.

Cassandra — **Mas nós estamos avançando. Tanto é, que logo teremos exércitos de mulheres fazendo guerra.**

Dolores — Você acha que isso é a solução para o machismo? De onde está saindo este exército de mulheres? É a mulher que quer? (**mais uma vez, tumulto geral**).

Anne __ A mulher está ocupando, está avançando, até onde o homem, o macho permite.

Cassandra — **Então por que vocês não fazem de novo a revolta das Sabinas?.** (ironicamente)

Anne — Somos só nós! E você Cassandra? (**risos, palmas e tumulto geral. É o fim**)

CARTAS NA MESA

Críticas e elogios

Lendo o último número do jornal (setembro, na coluna "Esquina" há um artigo denominado "por trás do MPB-80", assinado por Antônio Carlos Moreira. Sabem de uma coisa? Fiquei muito surpreso e — acho que sim —, um pouco decepcionado. Estaria o jornal **LAMPIÃO DA ESQUINA** tornando-se tendencioso (no sentido mais negativo da palavra)? Senão, vejamos: o artigo, propondo-se, a princípio, a discorrer sobre os bastidores do festival, mostra, paralelamente à exaltação dos cantores negros e homossexuais e também dos homossexuais da platéia, uma crítica às músicas do festival, senão superficial e injusta, pelo menos (sim, é essa a palavra) tendenciosa.

Concordo plenamente que Duardo Dusek e Leci Brandão são realmente maravilhosos e que a música "Essa tal criatura" deveria estar entre as três vencedoras, tal a força, a consistência e a garra de seus versos (além de Leci Brandão ser excelente compositora); Zezé Mota, outra mulher incrível, também se apresentou magnificamente (se bem que eu não tenha gostado tanto da sua "Anunciação"); Sandra Sá e o seu "Demônio Colorido" realmente me fizeram a cabeça e Jessé é um bom intérprete (apenas; a sua "Porto Solidão" é uma música para se ouvir uma vez e ficar de saco cheio na segunda).

Resumindo, o artigo falou dos artistas homossexuais e negros, elogiando as suas músicas e criticando os "outros", como se os homossexuais e negros tivessem a incumbência, a missão, a responsabilidade de "fazer" este festival, ao invés de "um branco chato, cantando uma música chata, e heterossexual, ainda por cima".

Ora, realmente, "Agonia", de Oswaldo Montenegro não é música para ganhar um festival (se bem que eu a tenha achado muito bonita) e Amelinha, apesar de "irritante" (gosto muito dela), conseguiu com que o povo inteiro cantasse com ela (isso, sim, eu acho, justifica a existência de um festival) — canções que ficam na boca do povo —, além de mostrar gente nova). "... mais que nunca é preciso cantar..." (Vinicius).

Mas, e Fátima Guedes, meu Deus? E Fátima Guedes e a sua incrível, magnífica maravilhosa "Mais uma boca"? (silêncio). E a lindíssima "Festa da Carne", defendida por Mariana (achei essa canção uma das melhores)? (silêncio). E a excelente "Diversidade", defendida com toda a garra peculiar da guerreira Diana Pequeno? (silêncio). E a belíssima canção de Elomar Figueira de Mello (Não me lembro o nome), defendida por Dércio Marques? (silêncio). E a deliciosa "O Mal é o que Sai da Boca do Homem", defendida por Baby Consuelo? (silêncio). E... (silêncio). E tudo isso sem falar nas boas músicas que nem sequer foram classificadas; por exemplo, "Um Deus Vagabundo", de Bubuska Valença (ótimo, esse cara); "Beatlemania", de Márcio Borges; a linda "Iluminação", do bom Renato Teixeira, e tantos outros.

Vocês me entendem? A mim, pareceu que tudo o que toda essa gente mostrou não teve importância, pelo fato der não serem homossexuais ou negros (ou judeus, ou índios, ou representantes de quaisquer minoria reprimidas).

Vejam, eu entendo que o Lampião é o porta-voz desas minorias, que luta em defesa delas, o que significa que só o que parta delas seja considerado bom. Deu pra entender? O que o artigo me passou foi a impressão de que basta o artista ser homossexual ou negro para que a sua produção seja de boa qualidade. Eu, particularmente, não penso assim e, apesar de ser homossexual, acho que tem muito heterossexual e branco aí fazendo coisas ótimas.

Acho importantíssimo os homossexuais e negros, enquanto artistas, se posicionarem e imporem o seu trabalho — trabalho esse que é fruto de toda uma vida marginalizada e reprimida —, mas a condição de homossexual ou negro não remete, necessariamente, a um trabalho bom.

Elogios (afinal:) excelente o artigo "Bicha é Família?", de Alexandre Ribondi, a entrevista com Manuel Puig e a com os representantes das antigas publicações homossexuais, a matéria sobre os grupos argentinos e o editorial de Aguinaldo Silva. As minorias, mais do que nunca, têm, mais é que estar aqui mesmo.

Mário Sérgio — São Paulo — SP

Furor paulista

Caros Lampiônicos. Estou escrevendo a vocês em plena meia-noite, por puro furor, ódio puro contra esse sistema imundo. Imagine vocês que ao trocar de canal, estupidamente passei para o canal dois — TV Cultura — e, pasmem, o secretário (não vou citar o nome do infeliz) disse com o maior senso de mau caráter que somos "Animais", e que o "idolatrado Richetti" é um pobre coitado, vítima de constantes injúrias maldosas em torno de seu belo serviço de caça aos homossexuais. Não posso aceitar isso e só posso recorrer a vocês escrevendo essas poucas linhas com um português horrendo. Perdoem, os erros, pois só tenho o primário.

Temos que lutar, não dá pra agüentar. Como se sentiria você, sentado em sua casa, assistindo TV, e ser chamado de "anormal", sem a menor consideração? Temos o nosso direito. Somos seres humanos e temos todo o direito de sermos tratados como tal. Não queremos que um determinado secretário em frente às câmaras de televisão nos chame de retardados. Espero que vocês publiquem algo: quero que, todos tomem conhecimento dessa violação sem o menor motivo. P.S.: O dito cujo falou também que a verdade virá à tona. Santas palavras, tomara que venha mesmo.

Adriana — São Paulo — SP

MEMÓRIA GUEI

De alguns anos para cá, a Imprensa Brasileira tem dado um certo destaque a Questão Homossexual. Ensaios, entrevistas, matérias, reportagens e contos, têm sido publicados freqüentemente em jornais e revistas de norte a sul do país. Para que todo esse material não se perca no tempo e no espaço, o Jornal Lampião resolveu organizar uma Memória de tudo que tenha sido publicado sobre homossexualismo e as ditas minorias. Para isto, pedimos a colaboração dos leitores, que enviem-nos recortes (original ou xerox) desse material com a indicação da fonte e data de publicação.

* * * * *

LAMPIÃO da Esquina: **Caixa Postal 41.031, Rio de Janeiro, RJ — CEP 20.400.**

Bicha de briga

Caros Editores do Lampião, acabo de ler o último número desse jornal. Torna-se cada vez mais flagrante a polarização de posições quanto à estratégia e o conteúdo do movimento homossexual no Brasil. Peço vênia para me colocar nesta briga. Digo "me colocar" e não apenas colocar minhas idéias, já que dessa história de "só idéias" eu ando farto. Eu quero resgate por completo; quero espaço para o meu corpo e para a minha tesão, tanto quanto para as minhas posições intelectuais e ideológicas.

Leio o Troca-Troca e só encontro gente "bonita", "jovem", "de boa educação", ou então "senhores de boa posição social", "estáveis", em busca de "amizades sinceras", e "troca de idéias". Isto tudo para mim é lixo. Pelo amor de Deus, onde é que estão os que querem apenas uma gostosa sacanagem? Cadê os velhinhos sem-vergonhas, os adolescentes descarados, os que gostam de suruba? Eu estou cheio desse classismo elitista, dessa construção e reprodução do gueto nos moldes da sociedade bem-comportada e bem-pensante. Que movimento de minorias oprimidas é este que se apega tanto aos valores e fórmulas consagradas e consolidadas pelo Poder, que usa mal-disfarçadamente o mesmo instrumental semântico e ideológico do **"stablishment"** repressor?

Pois é, se ainda não ficou claro, vai ficar agora: eu sou uma bicha despudorada, sem-vergonha, escrachada, libertina e libertária, que só acredita em revolução que comece pela cama. A cama é o epicentro da subversão; é o território possível da mudança; nela se inicia a possibilidade de uma militância alternativa, fundamentada no que nós temos de único e original: o saber transar com o abismo, o avesso, o canhoto, o "lado escuro" de que fala Sartre. Eu me recuso a brincar de papai-mamãe com bichas classe média e classe média-alta das Zonas Sul da vida. Aliás, eu me recuso até a brincar de papai-mamãe ou de mamãe-mamãe. Quero protestar contra esse culto disfarçado à autoridade, que mesmo quando se propõe derrubá-la só a reforça (ver a este respeito a crítica de Michel Lebret aos anarquistas em "A favor ou contra a Autoridade". Ed. Francisco Alves, 1977).

É preciso muito mais do que falar mal do Poder usando a sua mesma retórica e suas estratégias manipuladoras. É preciso ir para a cama e aprontar. Mas aprontar mesmo, pintar e bordar, deitar e rolar, fazer e acontecer, desatinar, deixar cair. É por isto que eu proponho ao Lampião uma "seção negra", uma espécie de seção subterrânea, contraventora e herética, para veicular as idéias verdadeiramente libertárias. E, por favor, se acatarem a minha sugestão e abrirem uma nova seção de Troca-Troca, podem começar comigo:

"Rapaz de mais de trinta anos, nível universitário, com vários cursos de pós-graduação (inclusive Europa), classe média-alta, bonito, culto, educado, falando cinco idiomas, e que está se lixando para tudo o que isto representa, nele e nos outros, procura muita gente (pode ser todos ao mesmo tempo) para iniciar a verdadeira subversão dos princípios decadentes e hipócritas da civilização ocidental-cristã-patriarcalista-machista. Dá preferência a ascensoristas de elevador, a pescadores, a marinheiros, a vigilantes de bancos, a guardadores de carros, garçons, a operários do Metrô e da construção civil, a motoristas de táxi e de Scani-Vabis, a trocadores de ônibus, a analfabetos ou mobralizados, a velhos tarados, a menores da Febem e a todos os que gostam de realizar sonhos eróticos e fantasias sexuais, e aos que gostam de transar sussurrando safadezas, indecências e imprecações injuriosas e de baixo calão no ouvido do parceiro. Gosta de sádicos e de masoquistas. Aceita transar por dinheiro (pagando ou recebendo), desde que o vil metal entre como um elemento de excitação sexual, e como um estímulo liberador da libido, e não como forma capitalista de produção da mais-valia. Gosto de brancos, negros, morenos, mulatos, pardos, amarelos, peles-vermelhas, esquimós e piauisenses. Faço tudo."

É isso aí. Viva o pensamento revolucionário e libertário, seja de Reich, Marcuse, Marx, Che, Rosa Luxemburgo, Bakunin, Sade, Sartre etc. Abaixo a máscara de Tartufo da esquerda machista, reprimida e repressora! Abaixo a violência e a brutalidade da direita fascista dos Richetti da Vida! Abaixo a acomodação bovina dos de centro Abaixo a Autoridade! Abaixo a família! Abaixo o Papa! Abaixo os aiatolás e os pais-de-santo! Viva a cama! Viva os mictórios públicos! Viva os canteiros de obras do Metrô! Viva os locais de má-fama, de libertinagem, e de promiscuidade! Viva as saunas dos subúrbios! Por um homem e por uma nova mulher! Pela revolução de Eros! Pela tesão e pelo prazer!

E. B. — Campinas — SP

R. — **Uma bicha de briga. Só que não entendemos porque, com todo esse ardor revolucionário, preferes apenas nos mandar as iniciais. De qualquer forma, sua carta tem alguns pontos que coincidem com os nossos. Quando vieres ao Rio, estamos aqui. Venha tomar um café conosco. Talvez encontre um lampiônico disponível para levá-lo a conhecer os buracos do metrô. E muitos os conhecem bem e são freqüentadores assíduos como você pretende ser. E se desejares alguém mais fino, de boa posição social, estável e jovem, pode encontrá-lo aqui mesmo. Nós temos de tudo, queridinha. Apareça.**

Leci Brandão: Mulher, Negra e Homossexual

"A gente já é marginalizado pela sociedade, então a gente se une, se junta e dá as mãos. E um ama o outro sem medo e sem preconceito."

Quero que as pessoas enxerguem meu lado homossexual como uma coisa séria, que haja respeito."

(Leci Brandão)

(Antônio Carlos Moreira)

Leve-se a sério também! Leia e Assine LAMPIÃO; um jornal sem preconceitos.

O primeiro lançamento da Esquina-Editora

Cinco pessoas, reunidas numa mansão, entregues à mesma tarefa: a busca da sexualidade sem limites. Três homens e duas mulheres empenhados num autêntico vale-tudo sexual. Junte-se a eles em –

Homossexualismo, adultério, roubo, assassínio – o Marquês de Sade põe em questão, neste livro, os chamados crimes da natureza humana, analisando-os, ao mesmo tempo, um a um.
Um grupo de homens e mulheres, reunidos num ambiente fechado – uma alcova – ocupam-se em recriar os ritos de amor do ser humano, livrando-os das hipocrisias e dos freios impostos pelas convenções.
Neste ESCOLA DE LIBERTINAGEM temos presente um novo aspecto humano – universal – do sado-masoquismo: o "sadismo moral", inspirador da maioria dos conflitos entre indivíduos e grupos, e grande agente da subordinação ética.

MARQUÊS DE SADE
Escola de Libertinagem
ESQUINA EDITORA

apresenta

MARQUÊS DE SADE

Escola de Libertinagem

Tradução: Aguinaldo Silva

ESQUINA EDITORA

A obra máxima do MARQUÊS DE SADE

Reserve já o seu exemplar pelo reembolso postal. Aproveite o preço especial de lançamento: Cr$ 300,00. Peça à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal, 41.031, CEP 20.400, Rio de Janeiro

Vem aí o calendário especial de LAMPIÃO

Nus Masculinos /81

Uma produção de arte erótica com fotos incríveis de Cyntia Martins. Faça agora a sua reserva. Preço especial de lançamento: Cr$ 150,00. Peça pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.